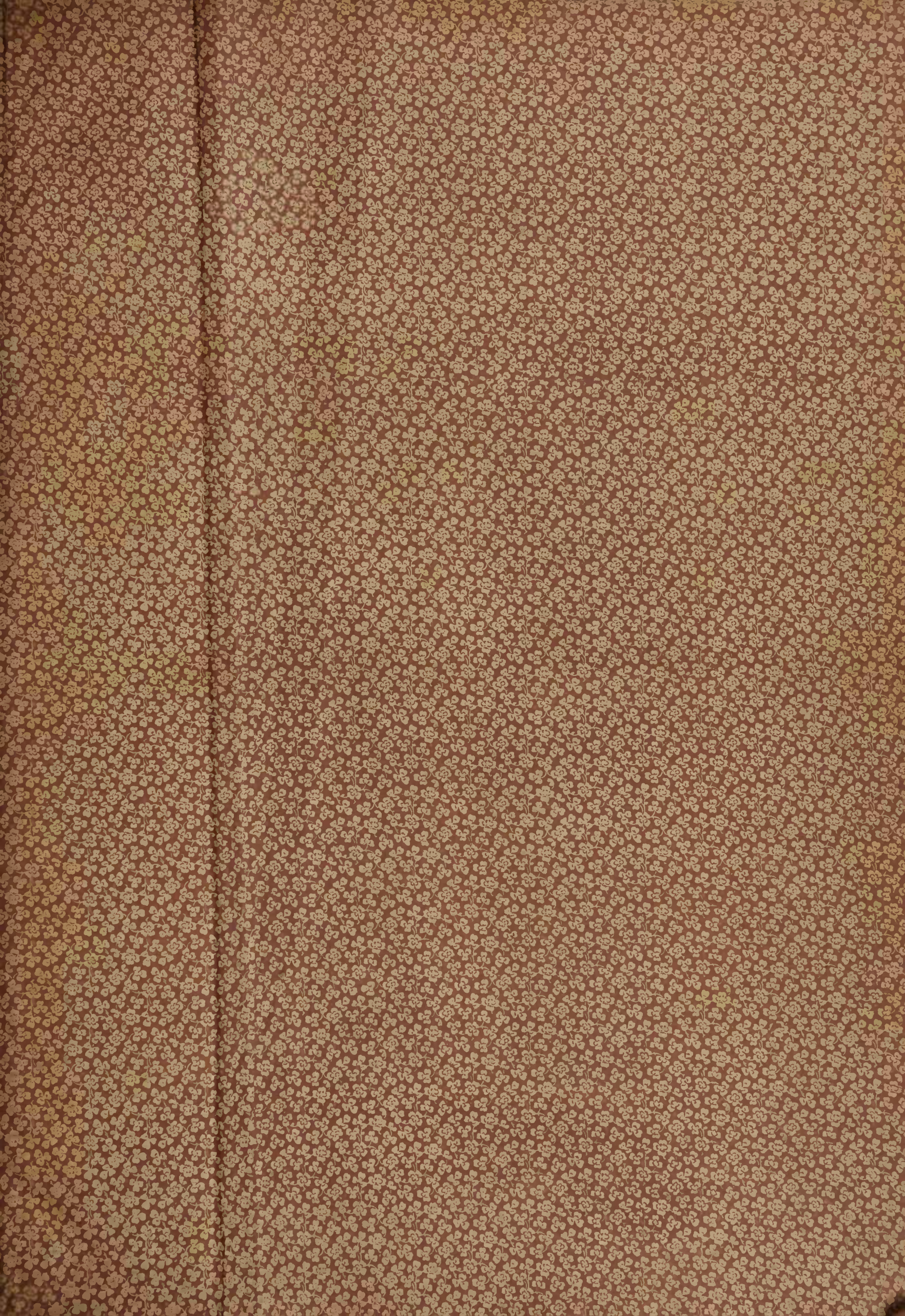


le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





# MOVIMENTO

PRIMEIRO ANNO  
NUMERO I

Director:  
RENATO ALMEIDA



RIO DE JANEIRO

2 715  
—  
79

OUTUBRO

PRECO 1\$000

RIO DE JANEIRO

## CASA LUIZ REZENDE

-- DE --

**FRANCISCO A. SANTOS & COMPANHIA**

JOALHEIROS E OURIVES

R. do Ouvidor 116-118 e R. dos Ourives 1 e 3

Telephones NORTE 74 e 594

End. Teleg.: "Grupiara"-Rio. Caixa 1023

— Rio de Janeiro —

## LYCÉE FRANÇAIS

(Fundado em 1915 por A. Brigole)

**Rua das Laranjeiras, 13 e 15**

Estabelecimento modelar de ensino

**Cursos:**

**Primario,**

**Secundario**

**e Commercial**

**Externato e Semi-Internato**

# CASA CARVALHO

FRUCTAS, VINHOS FINOS E COMESTIVEIS

**MACHADO CARVALHO & C.**

UNICOS DEPOSITARIOS DO SABOROSO VINHO DE MEZA

"RIO VOUGA" TINTO E BRANCO E DO "VINHO DAS  
DAMAS" — "VINDIMA"-VINHO DE MEZA

**163, AVENIDA RIO BRANCO, 165**

(Esquina da Rua de S. José)

TELEPHONE CENTRAL 2619

— RIO DE JANEIRO —

# MAPPIN & WEBB

JOALHEIROS E OURIVES

100, OUVIDOR

RIO DE JANEIRO

Pedras e Joias finas — Artigos de Prata e  
Fantasia proprios para Presentes

Acaba de apparecer:

# Macunaíma

o heroi sem nenhum caracter

— de —

MARIO DE ANDRADE

A' venda em todas as livrarias

## Pharmacia Heitor Sampaio

RUA EVARISTO DA VEIGA 30  
PHONE CENT. 3191—Prox. ao Municipal

GRANDE STOCK DE DROGAS

— Preços reduzidos —

## FOSFOROL

O MELHOR TONICO DA CELULA  
ORGANICA

SO' SE VESTE COM SUPREMA ELEGANCIA  
QUEM PROCURA A

## ALFAIATARIA GUANABARA

RUA DA CARIOCA, 54  
CENTRAL 0092

54

*Para evitar confusões com as casas proximas*  
**QUEIRA REPARAR**

- 1.º—Nos quadros de crystal e ouro, dentro das novas e monumentaes vitrines, eguaes ao cliché acima.
- 2.º—Na arvore em frente com o n.º 54 e o nome — GUANABARA.
- 3.º—Na artistica chapa de bronze cravada no marmore da entrada com o n.º 54 e o nome — GUANABARA.
- 4.º—Nos ladrilhos da loja, todos com o n.º 54.

# MOVIMENTO

Revista de critica e informação

PRIMEIRO ANNO  
Numero I

Director:  
RENATO ALMEIDA

## REALIDADE BRASILEIRA

Pacto Briand - Kellogg

**ARRANHA-CEUS**

Paulo Prado: Retrato do Brasil

*Roquette Pinto: Instituto Franco - Brasileiro*

*Borges Fortes: Os progressos da arte de navegar*

*Teixeira Soares: Poesia nova estadunidense*

F. A. Palomar: Pettoruti - 1924

O DICCCIONARIO DA ACADEMIA

## REPERTORIO

Assignatura Annual

Brasil - dez milreis

Exterior - dois dollares

REDACÇÃO:

Rua da Quitanda, 63

1.º Andar



# MOVIMENTO

## REALIDADE BRASILEIRA

Atravessamos um momento de ansiedade na vida brasileira. A apresentação do problema politico é sobremaneira difficil. A pratica do regime, através das contingencias de cada hora, o deformou e o systema de pesos e contra-pesos, que modelou a nossa constituição, á semelhança da norte-americana, se desequilibra, com a absorpção dos poderes pelo executivo, como resultou da reforma de 1926 e de outras leis, que têm, além do mais, restringido o âmbito das liberdades publicas. Não é o estado que se alarga, mas o poder pessoal que se amplia. A falta de educação politica, de classes organizadas, de interesses definidos, que determinem partidos, cria o ambiente favoravel a essa pratica de conchavos, para o que se sacrificam liberdades, vidas, dinheiro, tudo pelas vontades omnipotentes, dos que foram levados a dominar e distribuem as situações. Um indifferentismo geral absolve os governos e a chamada opinião publica é della uma parcella apenas, que só se agita nos maiores centros do paiz. Esse phenomeno, pelo qual não se pôde conscientemente responsabilizar este ou aquelle, é o fruto da falta de educação do povo, com a apavorante percentagem de 75% de analphabetos, para possuir uma constituição, cuja base está nessa consciencia, praticamente inexistente, por incapaz de manifestar-se. O romantismo de 89 produz os seus frutos irremediaveis. Por agora, devemos encarar a realidade brasileira, tal como se apresenta, e procurar nos centros vitales da sua sensibilidade, os reactivos necessarios, que estão, sem duvida, no cultivo da nação, para que tome posse de si mesma e se governe, em harmonia com os interesses que a movem. Enquanto esse esforço não se fizer, longa obra de paciencia, os males não se corrigirão e ninguem encontrará o remedio. O alargamento das minorias, no poder, simula apenas a solução, que deve ser nacional. Felizmente, já ha indícios promissores, mas não esqueçamos que o problema, antes de ser politico, é de instrucção e economico.

Por outro lado, precisamos fazer do Brasil, paiz pobre, um paiz rico. Precisamos abandonar o preconceito do café e procurar essa solução no ferro, no aço, no combustivel, no algodão, na borracha e em outros productos capazes de estabilizar a nossa vida. O café, que representa a maior fonte de producção da riqueza nacional, talvez não tenha como sustentar essa posição de esteio, porque, mesmo que os concurrentes não cheguem a ameaçar-nos, o desenvolvimento brasileiro exigirá uma potencialidade mais forte, do que a desse producto. Nada é, nesse particular, tão premente, como a questão da siderurgia, que transformaria o paiz, se não com a exportação avultada, que depende das oscillações dos mercados consumidores, mas pelo rendimento interno e pelo que se deixaria de importar, sabido como é, que as nossas maiores compras são de objectos de ferro e aço. Ahi estaria tam-

bem o desfecho commodo para as difficuldades da nossa industria, que, em muitos productos, só tem de nacional o logar da fabrica.

A questão social existe no Brasil, no desenvolvimento mesmo da nacionalidade que se fórma. O estudo da situação dos nossos latifundios, do estado dos colonos e trabalhadores ruraes, do salario em caso de crise industrial, nos convencem que, de uma hora para outra, esse problema poderá agravar-se, com os mais difficeis aspectos. Além disso, ha no interior uma massa enorme de homens abandonados á sorte, impaludados, esfomeados, explorados e expoliados, sem direito e sem lei, vivendo em continua miseria, que lhes poderá despertar um dia a terrivel consciencia da vingança, tornada pelo fanatismo mais aguda. Os jagunços e os cangaceiros não são elementos despreziveis na formação nacional. Necessitamos balancear os dados da questão, por mais ardua que seja a tentativa, através de todos os elementos possiveis, e resolvel-a, não por decalque de soluções estrangeiras, norteamericanas, italianas ou russas, inapplicaveis e improprias, senão dentro das realidades brasileiras, que propõem angustiosamente o problema.

A cultura, no Brasil, ainda tem fórmas imprecisas e só agora começa a desprender-se da imitação esteril, para procurar no espirito nacional as fontes puras da sua energia. Se a nossa sciencia tem altos padrões de gloria, se as nossas letras já affirmam uma intelligencia livre e uma sensibilidade nova, se ha manifestações de arte das mais apreciaveis, reina ainda um ambiente de incertezas e nem o ensino, nem o cultivo, regem com segurança essa desordenada movimentação de forças. Ainda nos perdemos no jogo das formulas sonoras e, invertendo os termos do problema, queremos definir o que havemos de criar. Sentem-se muitas forças dispersas a buscar a indispensavel coordenação e tateam confusas. E' certo que o espirito moderno orienta e marca victoriosamente a curva ascensional da nossa intelligencia, mas ainda perduram as perturbações, que havemos de vencer, reintegrando o Brasil em si proprio, na sua essencia e no seu tempo actual.

O quadro brasileiro não se desenha aqui com pessimismo. Este é uma categoria infecunda, que deprime as coisas, enquanto queremos, com confiança, porfiar na obra regeneradora. Mas essa só virá do trabalho ao contacto com a realidade, no atropelo das suas contingencias, no monstruoso dos seus erros. A fantasia romantica é uma força de atrophia e nós precisamos criar desembaraçadamente, sentindo com sinceridade, falando claro e actuando sem vacillações. O appello, que se faz pelo Paiz, não é uma elegia de dôr, que se perde nas sombras da morte. E' um grito quente de fé, que se avigora no perigo, para vencer. Modernizemos o Brasil, façamol-o brasileiro, na politica, na sociedade, no pensamento e na arte.

# Instituto Franco - Brasileiro

## ROQUETTE PINTO

Desde que um feliz movimento poudé condicionar o surto do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, habituamo-nos ao encanto periodico que para nós outros é a visita dos grandes mestres do pensamento francez. Sente-se, então, aqui, um renovo primaveril de intelligencia, de gosto, de arte e de sciencia.

Não é sómente o thesouro de sua alma sabia que a França nos manda. Ella faz chegar até nós, em todos os enviados da sua magnifica civilização, o valor integral da sua belleza singular.

Em verdade, não sei o que disso tudo pensam, na sua maior parte, os meus compatriotas. Todos os que, como eu mesmo, receberam desde os primeiros annos da vida, a influencia da França, sentem nesse impulso de aproximação intellectual, todas as doçuras delicadas das lembranças felizes.

Dest'arte recebi, com alegria sincera e forte, a missão que me confiou a Academia Brasileira de Sciencias, quando a 12 de Setembro recebeu os professores M. Caullery e Paul Rivet, designando-me para dar aos mestres o testemunho da nossa homenagem.

Ao Sr. Caullery disse eu toda a nossa admiração pela sua carreira magnifica, honrada pelo "Instituto de França", pela sua vida inteiramente consagrada aos grandes assumptos da biologia. Sua nomeada, tão grande na Europa e na America, seus trabalhos sobre a symbiose e o parasitismo, sua dedicação ás questões relativas ao ensino universitario, as lições tão suggestivas que realizou no Rio sobre os problemas da evolução, o conjuncto dos seus dotes de sympathia pessoal nós não esqueceremos jamais. Assim possa o Brasil occupar sempre um bom lugar no meio das melhores recordações da sua vida consagrada.

Ao meu bom amigo Paul Rivet, que ora occupa a cadeira de Quatrefages, no "Museum de Paris" e a de Hamy no Museu Ethnographico do Trocadero, repeti as palavras da nossa gratidão continental, pelo ardor com que elle vem promovendo o novo surto de estudos americanistas na sua Patria.

Ha uns vinte annos viamos a França ficar ausente no circulo de taes pesquisas.

A tradição dos Lery, dos Thevet, dos Claude d'Abbeville, dos Condamine, dos Castelnau, dos Marçay, parecia adormecida na alma da sua grande patria. Com profunda tristeza eramos obrigados a estudar outros idiomas, em livros francezes, para acompanhar os trabalhos modernos sobre o nosso continente...

Nesse momento, a actividade scientifica de Paul Rivet mergulhou o seu espirito na riqueza que os seus compatriotas haviam accumulado e elle comprehendeu que a França precisava retomar o antigo posto. Desde então consagrou-se Paul Rivet ao renascimento dos estudos americanistas no seu paiz e tudo vae conseguindo realizar com grande brilho, que dá á sua personalidade scientifica uma autoridade singular.

Um dos meus melhores amigos, pessoa que pódé contar os annos de vida pelo numero de serviços prestados á terra natal, escreveu certo dia que o Brasil tinha necessidade de esquecer um pouco o francez que fala tão facilmente, visto que o lindo idioma da nossa juventude não nos conduziu senão á poesia e ao romance, a nós, povo sedento de progresso, precisado, como nenhum outro, de cultura objectiva, que só o estudo da natureza consegue firmar. Senti-me na obrigação de ser absolutamente sincero, na hora cheia de responsabilidades em que falava pela Academia Brasileira de Sciencias. E disse aos nossos hospedes que o grito do meu amigo era até certo ponto justificavel. Elle não escondia nenhum despeito sem motivo; exprimia antes um terno movimento de zelos carinhosos. E' que a alma encantadora da França enchia a nossa vida de flores, embriagando-nos de perfume, mas não nos tinha ajudado bastante a vencer a montanha aspera do saber de que a nossa patria vem sentindo imperiosa necessidade. Acariciava os corações, mas esquecia de alumiar o caminho dos seus fieis amigos de ultra-mar.

Testemunhavamos á França no recesso da nossa vida intellectual e moral, um apego ingenuo e desinteressado; estudavamos tudo nos seus livros, nossas preces eram balbuciadas no seu idioma e até mesmo os castigos escolares eram nelle cem vezes copiados... Era a França uma especie de paiz de sonho, que a gente revia sem cessar; o que perto do nome do Brasil sem favor todos sentiam vibrar no coração.

A hora presente offerece-nos pois uma especie de deliciosa reparação digna da nossa fidelidade. O movimento iniciado por Paul Rivet não nos podia deixar indifferentes. Nos seus trabalhos, descobrimos aquelle interesse que tanta falta nos fazia. Elles têm, assim, um alcance social que em nada prejudica ao seu valor scientifico.

Felizes dos que fazem respeitado o nome da Patria entre os povos da Terra; ainda mais felizes os que sabem augmentar e fazem florescer o amor da sua Patria, em plagas remotas, habitadas por amigos distantes!

# Retrato do Brasil

PAULO PRADO

## POST-SCRIPTUM

Em meio dos defeitos de que deve estar inçado este livro, será forçoso reconhecer-lhe uma qualidade: não é regionalista, a menos que se queira attribuir ao Brasil inteiro a pecha de ser simplesmente uma região do continente americano. Fiquem assim tranquilos os adversarios do regionalismo. Pensado e escripto numa cidade de provincia, gaba-se o autor de ter fechado os olhos á mera apparencia das cousas ambientes, absorvente, tyrannica e tantas vezes falsa. Para fugir á influencia do bovarysimo paulista, talvez desculpavel peccado de mocidade, quem escreveu estas linhas adoptou, como se fosse artista, o processo goetheano na criação das obras de arte: isolou-se. A provincia, em falta de outros attractivos, sabe proporcionar a quem nella vive e trabalha, na serenidade da involuntaria solidão, o dom inestimavel da liberdade e do socego: só nella é possível imaginar a longa sala de estudo, com que sônhava Renan, forrada de livros por dentro, revestida por fóra de rosas trepadeiras e escondida na paz de um bairro tranquillo. A mim, esse isolamento provinciano deu-me perspectiva sufficiente para alongar a vista pelo Brasil todo, pelos outros Brasis, onde com frequencia se encontra o segredo do passado e a decifração dos problemas de hoje. Mesmo para tratar da tristeza brasileira foi necessario reagir contra o exaggero desse sentimento nas populações desta provincia. Nem todo o paiz soffre como aqui do mal sortuno. Estudal-o neste recesso, onde se apurou e se fortaleceu, seria estender erradamente ao resto do nosso povo o véu melancolico da tristeza paulista, já conhecido de Anchieta e que, mais que nenhum outro, peza e asphixia. Seria adoptar as generalizações deformadoras do regionalismo...

Este "Retrato" foi feito como um quadro impressionista. Dissolveram-se nas côres e no impreciso das tonalidades as linhas nitidas do desenho, e, como se diz em gyria de artista, das "massas e volumes", que são na composição historica a chronologia e os factos. Desapparecem quasi por completo as datas. Restam sómente os aspectos, as emoções, a representação mental dos acontecimentos, resultantes estes mais da deducção especulativa do que da sequencia concatenada dos factos. Procurar deste modo, num esforço nunca atingido, chegar á essencia das coisas, em que á paixão das idéas geraes não falte a solidez dos casos particulares. Considerar a historia, não como uma resurreição romantica, nem como sciencia conjectural, á allemann; mas como conjuncto de méras impressões, procurando no fundo mysterioso das forças conscientes ou instinctivas, as influencias que dominaram, no correr dos tempos, os individuos e a collectividade. E' assim que o quadro — para continuar a imagem suggerida — insiste em certas manchas, mais luminosas, ou extensas, para tornar mais parecido o Retrato.

Na sua magistral dissertação **Como se deve escrever a historia do Brasil** já Martius duvidava da importancia real de repetir-se o que cada governador fez ou deixou de fazer, o indagar-se de factos de nenhum alcance historico sobre a administração de cidades, municipios ou bispados, ou a escrupulosa accumulção de citações e autos que nada provam, sendo muitas vezes de duvidosa autenticidade. Outro campo, mais vasto, mais profundo, indica o grande sabio a

quem se propuzer escrever o que os allemães chamariam a historia pragmatica do Brasil.

Largo estudo em que appareceriam, encontrando-se e fundindo-se, as tres raças cujos effeitos de reciproca penetração biologica deverão produzir o novo typo ethnico que será o habitante do Brasil. Ir procurar na propria terra os residuos de "uma muito antiga posto que perdida historia" e que a sciencia moderna começa a ligar e apparentar a outras civilizações primitivas emigradas do occidente americano, além-mar, e ainda latentes nas mythologias, theogonias e geogonias das raças aborigenes. Estudar o povoador portuguez da colonisação primeira, e que o momento historico do Renascimento, a paixão descobridora, a ancia de enriquecer e viver ás soltas, lançaram na esplendida aventura das grandes viagens conquistadoras. Esse colono, cellula inicial da nossa formação, procurar apanhal-o vivo na sua entidade historica, sitial-o na sua roça, na sua fazenda, no seu engenho, no seu curral, ou na incipiente industria, em intimidade de relações com visinhos e escravos. Ou encontrar-o organisador de entradas pelos sertões, captivando indios sob o disfarçe da procura de ouro e pedras preciosas, menos feliz na rapina que o seu proprio irmão, o soldado da India, aventureiro irrequieto, sem eira nem beira, que sob a egide do cruzeiro atacava, saqueava e destruia as populações indigenas do Malabar. Conhecer enfim o negro africano, nos seus costumes, preconceitos e supertições, nos defeitos e virtudes, machina de trabalho e vicio, creada para substituir o indio mais fraco e rebelde, e que se tornou companheiro inseparavel do branco, ambicioso e sensual. Martius foi o primeiro a assignalar o papel do negro na nossa formação racial, e assim tocou no problema mais angustioso dessa evolução. O negro, entre nós, póde ser considerado sob dois aspectos: como factor ethnico, intervindo pelo cruzamento desde os primeiros tempos da colonia — e como escravo, elemento preponderante na organização social e mental do Brasil.

Já na armada de Cabral havia escravos, diz Varnhagen. Na capitania de São Vicente, dezeseis annos depois de fundada avultava a escravaria africana (1). Exportava-a Portugal em larga escala: segundo Domingos de Abreu Brito, de 1575 a 1591, o trafico para as colonias elevou-se a mais de 52.000 peças. Em 1584, Anchieta calcula em 10.000 os africanos de Pernambuco, em 3.000 os da Bahia. Em 1600, refere Capistrano, a colonia devia possuir cerca de 20.000 negros da Africa, incluindo os filhos de africanos. Por essa epoca já devia ser intenso o processo geral de cruzamento, ramificando-se nas mais variadas designações: mamalucos, creoulos, mulatos, curibocas, caboclos. Exemplo notavel é o de João Fernandes, que veiu á confissão durante a visitação do Santo Officio em 1594, em

(1) E' uma informação de Varnhagen. Capistrano não a julga provavel. Em 1630, porém, a escravidão africana já estava muito desenvolvida na capitania de S. Vicente. O Codice "Pernambuco", da collecção Castello Melhor, MS. da Bibliotheca Nacional I. 1. 2. 44, diz: "La tierra y villa de San Paulo tiene muchos Indios de pas i conquistados y muchos negros de Angola de los navios que todos los anos van al rio de Janeiro que está ally cerca..."

(2) Visitação do Santo Officio a Pernambuco. MS. inedito do Archivo Nacional da Torre do Tombo.

Pernambuco, filho de Francez e de mamaluca, amancebado com uma mulata (2).

Na colonia o factor africano não se isolou ao dar-se a fusão dos elementos de povoamento. Ao contrario, Assim como o braço negro substituiu o trabalho indigena, sensivelmente inferior ao africano, do mesmo modo a negra, mais affectuosa e submissa, tomou no gyniceu do colono o lugar da india. A hyperesthesia sexual, que vimos no correr deste ensaio ser traço tão peculiar ao desenvolvimento ethnico da nossa terra, evitou a segregação do elemento africano, como se deu nos Estados Unidos, dominados pelos preconceitos das antipathias raciaes. Aqui a luxuria e o desleixo social approximaram e reuniram as raças. Nada e ninguém repelliu o novo affluxo de sangue. Salvo uma ou outra objecção aristocratica, que já não existe, o amálgama se fez livremente, pelos accasos sexuaes dos ajuntamentos, sem nenhuma repugnancia physica ou moral. Repetiu-se o que já acontecera com o indio cruzado com o europeu adventicio na polyginia dos primitivos povoamentos. Pelo contrario, tornou-se lendaria a seducção da negra e da mulata para o colono portuguez.

O nosso problema é, pois, differente do norte-americano, que é complexo pelo conflicto racial que aqui não existe e pelas difficuldades economicas e politicas, sem solução, nos Estados Unidos, a não ser pelo extermínio de um dos adversarios. Entre nós, a mescla se fez aos poucos, diluindo-se suavemente pela mestiçagem sem rebuço. O negro não é um inimigo; viveu, e vive, em completa intimidade com os brancos e com os mestiços que já parecem brancos. Nascermos juntos e juntos iremos até o fim de nossos destinos.

Ha, porém, o problema da biologia, o da ethnologia, e mesmo o da eugenia. A questão da desigualdade das raças, que foi o cavallo de batalha de Gobineau e ainda é hoje a these favorita de Madison Grant proclamando a superioridade nordica, é questão que a sciencia vae resolvendo no sentido negativo. Todas as raças parecem essencialmente iguaes em capacidade mental e adaptação á civilização. Nos centros primitivos da vida africana, o negro é um povo sadio, de iniciativa pessoal, de grande poder imaginativo, organisador, laborioso. A sua inferioridade social, nas agglomerações humanas civilisadas, é motivada, sem duvida, pelo menor desenvolvimento cultural e pela falta de oportunidade para a revelação de attributos superiores. Diferenças quantitativas, e não qualitativas, disse um sociologo americano: o ambiente, os caracteres ancestraes, determinando mais o procedimento do individuo do que a filiação racial.

Afastada a questão de desigualdade, resta na transformação biologica dos elementos ethnicos, o problema da mestiçagem. Os americanos do Norte costumam dizer que Deus fez o branco, que Deus fez o negro, mas que o diabo fez o mulato. E' o ponto mais sensível do caso brasileiro. O que se chama a aryanisação do habitante do Brasil é um facto de observação diaria. Já com 1/8 de sangue negro, a apparencia africana apaga-se por completo: é o phenomeno do "passing", dos Estados Unidos. E assim na cruza continua de nossa vida, desde a epoca colonial, o negro desaparece aos poucos, dissolvendo-se até o aryano aparentemente puro.

Ethnologicamente falando que influencia póde ter no futuro essa mistura de raças? Com o indigena, a historia confirmou a lei biologica da heterosis em que o vigor hybrido é sobretudo sensível nas primeiras ge-

rações. O mamaluco foi a demonstração dessa verdade. Nelle se completaram admiravelmente — para a criação de um typo novo — as profundas diferenças existentes nos dois elementos fusionados. A historia de São Paulo, em que a amalgamação se fez intensamente, como num cadinho e favorecida pelo segregamento, é prova concludente das vantagens da mescla do branco com o indio. Hoje, entretanto, depois de se desenrolarem gerações e gerações desse cruzamento, o caboclo miseravel — pallido epigono — é o descendente da esplendida fortaleza do bandeirante mamaluco. A mestiçagem do branco e do africano ainda não está definitivamente estudada. E' uma incognita. Na Africa do Sul Eugen Fischer (1) chegou a conclusões interessantes: a hybridação entre boers e hottentotes creou uma raça mixta, antes uma mistura de raças, com os caracteristicos dos seus componentes desenvolvendo-se nas mais variadas cambiantes. Tem, no entanto, um defeito persistente: falta de energia, levada ao extremo de uma profunda indolencia. No Brasil, não temos ainda perspectiva sufficiente para um juizo imparcial. A aryanisação apparente eliminou as diferenças somaticas e psychicas: já não se sabe mais quem é branco e quem é preto. Na Australia, Mark Twain encontrou situação identica, em que era falta de tacto perguntar, na sociedade, noticias do avô... O mestiço brasileiro tem fornecido indubitavelmente á communiidade exemplares notaveis de intelligencia, de cultura, de valor moral. Por outro lado, as populações offerecem tal fraqueza physica, (2) organismos tão indefesos contra a doença e os vicios, que é uma interrogação natural indagar si esse estado de coisas não provém do intenso cruzamento das raças e sub-raças. Na sua complexidade o problema estadounidense não tem solução, dizem os scientistas americanos, a não ser que se recorra á esterilisação do negro. No Brasil, si ha mal, elle está feito, irremediavelmente; esperemos, na lentidão do processo cosmico, a decifração do enigma com a serenidade dos experimentadores de laboratorio. Bastarão 5 ou 6 gerações para estar concluida a experiencia.

O negro, porém, além de elemento ethnico, representou na formação nacional outro factor de immensa influencia: foi escravo. Um dos horrores da escravidão era que o captivo, além de não ter a propriedade do seu corpo, perdia também a propriedade de sua alma. Essa fraqueza se transformou em função catalytica no organismo social: reduziu á propria miseria moral e sentimental do negro a illusoria superioridade do senhor de escravo. Vimos nos differentes seculos a que ponto de infiltração chegou na sociedade colonial o dominio do africano e do mulato. Nos tempos de hoje nos esquecemos de que ha poucas decadas de anno ainda viviam no paiz cerca de 2 milhões de escravos, numa população total de quatorze milhões — de que uma boa parte era de mestiços. Na promiscuidade do convívio, se verificava que a escravidão foi sempre a immoralidade, a preguiça, o desprezo da dignidade humana, a incultura, o vicio protegido pela lei, o desleixo nos costumes, o desperdicio, a imprevidencia,

(1) Eugen Fischer: Die Reobother Bastards und das Bastardie — rungsproblem der Menschen.

(2) Piso, no seculo XVI já observava que a mescla das tres raças européa, americana, africana, tinha produzido novas doenças, ou as conhecidas tão modificadas que eram verdadeiros enigmas para os medicos.

# PAUL LANGEVIN

Esteve entre nós, e realizou duas conferencias na "Associação Brasileira de Educação", cujo esforço já se torna benemerito, sobre **A origem do calor solar e As ondas ultra-sonoras e suas applicações**, o illustre physico Paul Langevin, do Collegio de França. Trata-se de um dos grandes scientists, de renome mundial, tendo sido o primeiro a fazer, na França, um curso sobre a theoria da relatividade, datando de 1911 a sua obra sobre Einstein.

Emile Meyerson, no seu celebre livro **La déduction relativiste** (Payot. Paris-1925), declara que a idéa da sua obra lhe veiu de uma conversa, que, na véspera da vinda de Einstein a Paris, teve com Paul Langevin, na qual o philosopho francez se certificou até que ponto a concepção, a que tinha chegado Langevin sobre a essencia realista da theoria relativista, concordava com os principios que elle tinha, por sua vez, deduzido, examinando as sciencias physicas em geral e sobretudo a evolução das mesmas. "Foi Langevin — escreve Meyerson — que me forneceu uma parte da documentação de que fiz uso e que constantemente me auxiliou a vencer as difficuldades technicas, quando se apresentavam."

Para Langevin, o physico, pela relatividade, toma contacto com a realidade, affirmativa tão significativa, como a do astronomico inglez Eddington, para quem "o Universo de quatro dimensões não é uma simples imagem; é o Universo real do physico, ao qual se attinge pelo methodo muito conhecido, que a physica, com ou sem razão, sempre seguiu, na sua indagação da realidade."

escala latente nas profundezas inconfessaveis do caracter nacional.

Foi essa a visão genial que teve Martius da nossa historia quando aconselhava o estudo das tres raças para a sua completa comprehensão. Hoje é quasi um lugar-commum, falar-se no **melting pot** em que se fundem as tres grandes contribuições ethnicas da nossa formação representando tres continentes e que se juntaram mais tarde ás immigrações europeas de vario sangue. A fusão foi iniciada desde a descoberta e diariamente continua a evolução em que se prepara a consolidação da raça e da sua estructura social. Na ordem psychologica, o problema é egualmente complexo. Sugerimos nestas paginas o vinco secular que deixaram na psyché nacional os desmandos da luxuria e da cubiça, e em seguida, na sociedade já constituida, os desvarios do mal romantico. Esses influxos desenvolveram-se no desenfreamento do mais anarchico e desordenado individualismo, desde a vida isolada e livre do colono que aqui aportava, até as lamurias egoistas dos poetas enamorados e infelizes. Como reagentes faltaram-nos, na nossa crise de assimilação, o elemento religioso, a resistencia puritana da Nova Inglaterra, a hierarchia social dos velhos pioneiros americanos, o instincto de collaboração collectiva. **Ubi bene, ibi patria**, diz o nosso profundo indifferentismo, feito de preguiça physica, de fakirismo, de submissão resignada deante da fatalidade das coisas. Nos primei-

## O INCIDENTE DE SÃO PAULO

O acto da mocidade paulista, castigando a insolencia de um estrangeiro transviado e esquecido dos deveres elementares que a hospitalidade brasileira lhe impunha, foi um gesto de sadio nacionalismo. A Patria brasileira está aberta a todos os homens de boa fé, de sorte que aqui se encontrem como nas suas proprias terras. Pódem exercer qualquer actividade; têm, quando naturalizados, iguaes direitos politicos, salvo a suprema magistratura; gosam de todas as facilidades para a vida economica e em mãos estrangeiras estão muitas das nossas maiores fortunas. A terra lhes apparece, como se della fossem filhos directos. Mas o dever essencial do respeito á soberania, ás leis do paiz e á sua familia, é condição basica dessa estadia.

Já não é admissivel que exerçam aqui actividades partidarias, transplantando para o seio das colonias as divergencias de cada paiz, que nos não interessam e não podemos tolerar que se tornem meios capazes de perturbar o socego publico. Muito menos o gesto grosseiro e insolito com que o jornal italiano de São Paulo **Il Piccolo** tentou enxovalhar a reputação de uma escritora, cujas opiniões podem ser discutidas, mas que deve merecer o acatamento de todos, porque estamos numa patria livre, e não ter como resposta o insulto á sua dignidade. E, ainda mais, depois de revidada a attitude aggressiva, pelos estudantes, tornou-se impossivel de supportar o desafio audaz, que não tardou em ter a merecida resposta.

ros tempos produzimos os mais magnificos exemplares da bruta força humana, mas não conseguimos preparar a argamassa que liga os grandes povos idealistas. Explosões esporadicas de reacção e entusiasmo apenas servem para accentuar a apathia quotidiana. A indolencia e a passividade das populações facilitaram, porém, a preservação da unidade social e politica do vastissimo territorio. A administração metropolitana pode assim conservar a cohesão d a colonia, favorecida pela lingua commum (nenhum dialecto perturba essa uniformidade) pelo culto da mesma religião, pelo odio innato e tradicional ao castelhano. O atraso, os proprios vicios e defeitos da velha burocracia portugueza centralisada (conselho ultramarino, conselho de fazenda, casa de supplicação, dezembargo do paço, etc.), foram os factores desse processo de unificação. Nivelou o terreno, como um compressor. Bolívar, no mesmo continente a frente da Venezuela, da Nova Granada, do Perú, da Bolivia não alcançou o mesmo resultado apezar da identidade de origem, de lingua e de costumes dos paizes que o seu genio guerreiro libertara. Entre nós, o Brasil Reino, a intervenção superior dos homens da independencia e do primeiro reinado, a extincção da guerra civil, a centralisação monarchica completaram a obra que os seculos tinham lentamente preparado. Ao chegarmos aos dias de hoje, é esse o grande milagre.

# O Pacto Briand - Kellogg

Um grande documento de idealismo - Ausência de coacção - Histórico das negociações - A autoridade americana - A lição da America - O Pacto e a Liga das Nações

## I

A 27 de Agosto, foi assignado solemnemente, no Quai d'Orsay, em Paris, o Pacto contra a guerra, pelo qual a Allemanha, a França, a Inglaterra, os Estados Unidos, a Italia, o Japão, a Belgica, a Polonia e a Tchecoslovaquia, "convencidas de que todas as alterações em suas relações mutuas devem procurar-se sómente pelos meios pacificos e em consequencia de um processo pacifico e ordeiro, em que a cada uma das potencias signatarias que no futuro procure promover seus interesses nacionaes por meio da guerra, serão negados os beneficios decorrentes do tratado", decidiram declarar, em nome dos povos respectivos, "que condemnam o recurso da guerra para a solução das controversias internacionaes e renunciam a ella como instrumento de politica nacional em suas relações mutuas." Tal é a essencia desse documento, cuja idéa vinda da França, proposta que foi pelo grande campeão da paz, que é Briand, tomou vulto nos Estados-Unidos e estes, com a sua formidavel autoridade material e moral, lançaram ao mundo a idéa de declarar a guerra fóra da lei. Tirante pequenas discussões de somenos, foi logo abraçada a iniciativa com alvoroço e sondado todo o alcance da nova e solemne declaração de illegalidade da guerra. Mais do que Locarno, que é uma expressão limitada, européa, do problema, o pacto Briand-Kellogg, é o documento de mais alto idealismo pacifista, que já se firmou no mundo. Idealismo, porque carece de sanções. Quando uma parte violar, as demais se limitam a afastar-se della. Outrosim, o conceito de defesa, que Kellogg não quiz discutir, para evitar o embaraço irremediavel, que — pensou bem — comprometteria o exito do accordo, não foi fixado e, nos momentos de exacerbação, é a defesa que invocam todas as partes. A Austria, querendo asphyxiar a Servia, allegava legitima defesa e quando o Kaiser desafiava o mundo, declarava, em Berlim, ao seu povo, que desembainhava a espada para defender o Imperio. Portanto, falta ao pacto, desde logo esse fundamento, que, aliás, é a crise perpetua do direito internacional, porque direito é força. Tambem, não se estatue o julgamento obrigatorio das contendias, por um dado tribunal, de sorte que o recurso a meios pacificos fica como um voto, e não como medida compulsoria. E' certo que ha, nas firmas das potencias que o subscreveram, a que se juntarão as dos paizes que adherirem, uma extraordinaria força moral, que se ha-de levar em conta forçosamente. Tambem a doutrina de Monroe é uma declaração apenas, mas vale como um dos poucos principios inviolaveis no mundo moderno. E a illegalidade da guerra pôde se apresentar com igual autoridade, sobretudo vindo de um espirito pacifista por fundamento, feito esse de necessidade de vida, de premencia, de aguda realidade das coisas. Enquanto nas famosas Conferencias da Paz, na Haya, só se cui-

dava de regulamentar a guerra, e o direito da guerra era principio inviolavel, os povos hoje declaram a guerra fóra da lei e a ella renunciam, como instrumento de politica nacional.

Sem duvida, o pacto de 27 de Agosto findo representa o maior passo para a pacificação do mundo, ainda que lhe faltem garantias materiaes e que a porta da legitima defesa tenha grandes facilidades de abrir-se. Mas é uma obra de boa-fé. Não foi por subterfugio diplomatico que os negociadores evitaram essas definições, pelo contrario, quizeram prevenir discussões enervantes que, se não prejudicassem propriamente o pacto, em nada o adiantariam, pois no momento não havia como fazel-o, e comprometteriam por certo o espirito de harmonia, a fé unanime, **senza la qual ben far non basta**. Essa fé é, por certo, a maior garantia do tratado que firmaram as grandes potencias a 27 de Agosto. Essa data ficará como inicio de um mundo novo, cujo espirito se affeiçará ao ideal pacifista, tornando possivel em breve garantir o pacto, como agora ainda não é possivel fazel-o. Quem, ha dez annos, acreditaria que viesse a Paris o ministro do exterior da Allemanha, para firmar um tratado de paz e amizade?

Vamos dar a seguir o historico das negociações do pacto Briand-Kellogg.

## II

A 20 de Junho de 1927, o Sr. Aristides Briand enviou ao Embaixador americano em Paris, um projecto de pacto perpetuo entre os dois paizes, no qual solemnemente declarariam que condemnavam o recurso da guerra e o renunciariam como instrumento de politica entre ambos, devendo ser resolvidos os conflictos a surgir por meios pacificos. Respondendo ao governo francez, o Sr. Frank Kellogg, em nota de 28 de Dezembro do anno passado, endereçada ao Sr. Paul Claudel, embaixador francez em Washington, aceitava a iniciativa e propunha que esse pacto fosse aberto á assignatura de todas as nações, convidando a França para iniciar essas negociações. A 5 de Janeiro, Claudel respondia a Kellogg, considerando os termos da sua nota anterior e dizendo-se autorizado pelo gabinete de Paris a juntar-se aos Estados Unidos para, juntos, proporem aos demais paizes a adhesão ao pacto bilateral franco-americano, convidando-os a adherir. A 11 do mesmo mez, replicava Kellogg á nota de Claudel, dizendo que a assignatura do pacto pelos dois paizes e o convite subsequente aos demais para apoial-o, não era bem a idéa do governo de Washington, primeiro, porque poderiam objectar que as suas clausulas aceitaveis pelos dois paizes, eram inaceitaveis por outros, o que faria abortar os esforços de ambos os governos nesse tentame pacifista; em segundo lugar, porque, pela nota de 5 de Janeiro, de Claudel, parece que a França quer apenas limitar

o pacto ás guerras aggressivas, quando a proposta inicial é para a renuncia de "todas as guerras como instrumento de politica nacional". Suggere que os dois governos entrem em negociações com os gabinetes de Londres, Berlim, Roma e Tokio, transmittindo-lhes o texto original da proposta Briand aos Estados Unidos, para que, em commum, fosse discutido o accordo. A 21 do mesmo mez, contestava Claudel á nota Kellogg e oppunha reservas á formula proposta, allegando as suas obrigações e de varias outras potencias para com a Liga das Nações, bem assim as legitimas necessidades de segurança, mas receberia sempre com alegria as propostas americanas tendentes a condemnar absolutamente a guerra. Kellogg, em resposta, a 27 de Fevereiro, declarava que, si a França podia firmar um tratado bilateral, não lhe parecia plausivel que não podesse fazer um multilateral e que não via tambem razão para o **covenant** da Liga das Nações ser um **impedimento**, citando por exemplo o facto de ter a VI Conferencia Pan-Americana de Havana, com 31 nações americanas presentes, das quaes 17 pertencentes á Liga, declarado a guerra fóra da lei. Mostra ainda que condicionar a guerra prohibida, como a aggressiva ou coisa semelhante, equivaleria a destruir a garantia do tratado, pois que "no ponto de vista da humanidade e da civilização, a guerra é um assalto á estabilidade da sociedade humana e deve ser suprimida no interesse commum." Dest'arte, mantem integra a sua proposta da nota de 11 de Janeiro. Na nota de Claudel de 30 de Março, a França, depois de accentuar os motivos ponderaveis das suas reservas, quer como membro da Liga, quer como signataria dos pactos de Locarno, de 1925, quer de varios tratados de garantia de neutralidade, aceita examinar a proposta Kellogg, evitando que a mesma collida com obrigações previas. Nesse sentido a nota Claudel expõe o ponto de vista do seu governo, terminando por affirmar que elle está disposto a collaborar com o americano, "sem ambiguidades ou reservas", para tornar effectiva a paz e a solidariedade das nações. A 13 de Abril, Kellogg enviava aos governos da Inglaterra, Allemanha, Italia e Japão, uma nota, em que lhes propunha o pacto e remettia as notas trocadas entre elle e o embaixador francez, afim de que conhecessem todas as negociações. O texto Kellogg é o mesmo francez, da nota de Claudel de 20 de Junho. A 20 de Abril, o governo francez enviava á Inglaterra, Allemanha, Italia, Japão e Estados Unidos uma proposta, em que se consignavam as suas reservas. No art. 1º, depois de dizer, que as partes contractantes, sem intenção de infringir os direitos de cada uma, da legitima defesa e sem violar os tratados existentes e por ellas firmados, condemnavam a guerra e a ella renunciavam como instrumento de politica nacional, com a declaração de que isso não os ligaria como o **covenant** da Liga, ou os tratados nella registrados. A declaração é entendida como o dever de um não atacar nem invadir o outro. No art. 2º consigna-se que todos os conflictos, de qualquer origem que sejam, serão resolvidos por meios pacificos. No art. 3º consigna-se que se uma das partes violar o tratado, as demais se consideram desobrigadas perante ella das suas obrigações. No art. 4º declara-se que as obrigações do pacto não alteram as de anteriores tratados de que os signatarios forem partes. Por fim, o art. 5º abre o pacto á adesão de todos os paizes e declara que o mesmo não entrará em vigor enquanto não fór geralmente aceito.

A 27 de Abril, Stresemann, Ministro do Exterior do Reich, em nota a Schurman, embaixador america-

no em Berlim, respondeu á proposta Kellogg, declarando inicialmente que ella correspondia ao espirito do governô allemão, que o aceitava, resalvados, porém, os seus compromissos no **covenant** da Liga e como signataria dos pactos de Locarno, que permaneceriam inviolaveis. A 24 de Maio, Mussolini, pela Italia, respondia ao embaixador americano, Fletcher, numa nota muito pequena, e assegurava a sua cordial cooperação nessa politica, afim de se chegar a um **accordo**. Chamberlain, Secretario dos negocios estrangeiros de S. M. B., respondeu á nota americana, a 19 de Maio. Principia por dizer que não ha differenças essenciaes entre a proposta Kellogg e a proposta Briand, concordando com os termos mais amplos da primeira. Quando á harmonia entre o pacto, a Liga e os **protocollos** de Locarno, Chamberlain julga que tudo visa o mesmo fim, a eliminação da guerra, como instrumento de politica. Affirma, como o governo allemão, que o respeito ao **covenant** da Liga e aos pactos de Locarno, é fundamental, não acreditando, porém, que os termos da proposta Kellogg affecte esses compromissos. Diz, depois, que o Governo de S. M. B. tem interesses em certas partes do mundo, daquellas cuja tranquillidade depende a sua propria paz. Deve protegê-las como medida de legitima defesa, e aceita o novo tratado desde que guarde liberdade de acção a esse respeito. Chama tambem a atenção para a questão de ser o pacto universal, pois ha varios governos que não foram ainda reconhecidos por todos os paizes e outros que não têm força para manter a ordem nos seus territorios. Mas isso, remata, é uma questão minima, comparada á amplitude do assumpto fundamental da discussão. Termina dizendo que o governo britannico não encontra nada que impeça a sua collaboração nessa obra de solidificação dos fundamentos da paz e que cooperará na conclusão do pacto proposto, ajuntando que as nações do Imperio Britannico, consultadas a esse respeito, mostraram-se de **accordo** com o principio geral do pacto proposto. A 26 de Maio, Giughi Tanaka, ministro do exterior do Japão, respondia ao embaixador americano Mac Veagh, declarando que o Japão estava de **accordo** com a proposta, uma vez que dos seus termos não se recusava aos paizes o direito da legitima defesa, nem era incompativel com os tratados garantidores de paz, como o **covenant** da Liga e os pactos de Locarno. Em varias datas, Chamberlain, pelos estados do Imperio britannico, communicou a aceitação do pacto, dentro do espirito da resposta do governo de S. M. Britannica.

A 23 de Junho de 1928, Kellogg dirigia uma nota aos governos da Australia, Belgica, Canadá, Tchecoslovaquia, França, Allemanha, Grã-Bretanha, India, Estado Livre da Irlanda, Italia, Japão, Nova Zelandia, Polonia e Africa do Sul, na qual responde ás seis principaes objecções formuladas contra o projecto do pacto: 1) **legitima defesa** — nada existe na proposta americana que restrinja esse direito, inherente á soberania de cada estado, mas não ha duvida que definir-a seria difficil, portanto não convem ao tratado dar um conceito de legitima defesa; 2) **covenant da Liga** — não encontra Kellogg nenhuma incompatibilidade entre os seus dispositivos e a idéa de renunciar á guerra, tanto mais quanto se pode dizer que o pacto da Liga autoriza a guerra em certos casos, mas autoriza e não determina. 3) **Tratados de Locarno** — diz Kellogg que, uma vez que todos os signatarios de Locarno, o sejam tambem do pacto contra a guerra, é uma segurança a mais para aquelles compromissos. Um violação dos tratados de Locarno abriria brecha

no pacto multilateral. 4) **Tratados de neutralidade** — Kellogg affirma que não conhece os tratados de garantia de neutralidade firmados pela França, mas julga que esse paiz deve persuadir áquelles, cuja neutralidade garante, de adherir ao pacto contra a guerra, o que, se fôr feito, nenhuma nação signataria do mesmo os poderá atacar. Se esse ataque se der por nação não signataria do pacto, a França é livre de agir, como se não fosse parte no accordo proposto. 5) **Relações com as partes violadoras do tratado** — A esse respeito, julga Kellogg que, no caso de uma das partes violar o pacto e fôr á guerra, as demais partes della se desligam automaticamente. 6) **Universalidade do tratado** — Kellogg acha bem que seria o ideal, mas compreende-se que um pacto aceitavel para a Inglaterra, França, Alemanha, Japão, Italia e Estados Unidos, não o possa ser por igual para os outros paizes do globo. Por outro lado, a simples aceitação pelas seis potencias acima mencionadas do pacto, indica a impossibilidade de uma segunda guerra mundial e, portanto, os Estados Unidos não devem prejudicar o exito da proposta forçando a sua aceitação universal.

Depois de outras explanações, entre as quaes aceita a suggestão da assignatura do pacto pelas outras potencias de Locarno (Belgica, Polonia e Tchecoslovaquia), Kellogg apresenta a proposta do pacto, nos termos seguintes, tal como foi firmada a 27 do corrente, em Paris:

“O Presidente do Reich Alemão, o Presidente dos Estados Unidos da América, Sua Majestade o Rei dos Belgas, o Presidente da Republica Franceza, Sua Majestade o Rei da Grã-Bretanha, da Irlanda e dos Territorios Britannicos de Além Mar, Imperador das Indias, Sua Majestade o Rei da Italia, Sua Majestade o Imperador do Japão, o Presidente da Republica da Polonia e o Presidente da Republica Tcheco-slovaca, profundamente conscientes do dever solemne de promoverem o bem-estar da humanidade;

Persuadidos de que chegou o momento em que se deve renunciar francamente á guerra como instrumento de politica nacional, afim de que possam perpetuar-se as relações amistosas que agora existem entre seus povos;

Convencidos de que todas as alterações em suas relações mutuas devem procurar-se sómente por meios pacíficos e em consequencia de um processo pacifico e ordeiro em que a cada uma das potencias signatarias que no futuro procure promover seus interesses nacionaes por meio da guerra, serão negados os beneficios decorrentes deste tratado;

Nessa esperança e esperando ainda animar com seu exemplo todas as outras nações do mundo a adherir a este empenho e mediante a adhesão a este tratado logo que o mesmo entre em vigor collocar seus povos dentro do seu objectivo e de suas beneficas disposições, unindo assim as nações civilizadas do mundo em uma renuncia commum á guerra como instrumento de sua politica nacional;

Decidiram concluir um tratado e para esse fim nomearam seus respectivos plenipotenciarios, os quaes, tendo apresentado mutuamente suas credenciaes, que foram consideradas em boa ordem, concordaram nos seguintes artigos:

1º — As Altas Partes Contractantes solemnemente declaram em nome de seus respectivos povos que condemnam o recurso da guerra para a solução das controversias internacionaes e renunciam a elle como

## A GUERRA FÓRA DA LEI

*Visconde Robert Cecil of Chelwood.*

O que é mau, é o facto mesmo da guerra ser legalizada e reconhecida como coisa legitima. Não ha limites ao direito que possui cada nação de recorrer ás armas com uma outra potencia — afóra a Liga das Nações, não existe nenhuma outra influencia susceptivel de restringir esse direito.

E' necessario libertarmo-nos dessa concepção; não considerar nenhuma guerra legal. Sem duvida, em legitima defesa, póde-se recorrer á força, seja para defender-se individualmente ou para impor a vontade da communhão das nações e manter a paz. Mas si o emprego da força entre duas nações, para a politica nacional, fôr considerado no futuro como illegal, resultará dahi uma transformação completa das politicas nacionaes do presente e, principalmente, um sentimento de vontade mutua e a paz entre as nações poderá nascer.

As propostas do sr. Kellogg constituem um primeiro passo nesse sentido, uma fundação sobre a qual outras estruturas se poderão erigir. E é, sobretudo, por isso que sou sincera e calorosamente a seu favor.

instrumento de politica nacional em suas relações mutuas.

2º — As Altas Partes Contractantes concordam em que o ajuste ou solução de todas as disputas ou conflictos de qualquer origem que seja, que possa surgir entre ellas, nunca se procurará senão por meios pacíficos.

3º — O presente tratado será ratificado pelas Altas Partes Contractantes nomeadas no preambulo de accôrdo com as suas respectivas disposições constitucionaes e entrarão em vigor entre ellas logo que os diversos instrumentos de ratificação sejam depositados em Washington.

Este Tratado, quando entrar em vigor de accôrdo com os termos do paragrapho anterior, ficará aberto á adhesão das outras nações do mundo durante o tempo que se considerar necessario. Cada instrumento evidenciando a adhesão de uma potencia será depositado em Washington, e o Tratado immediatamente depois desse deposito entrará em vigor entre a potencia adherente e as partes signatarias deste Tratado.

E' dever do Governo dos Estados Unidos fornecer a cada Governo nomeado no preambulo e a cada Governo que adherir subsequentemente a este Tratado, uma copia certificada do Tratado e de cada instrumento de ratificação ou de adhesão. E' tambem dever do Governo dos Estados Unidos notificar telegraphicamente aos outros Governos immediatamente o acto de deposito de cada instrumento de ratificação ou de adhesão que lhe fizerem.

Em fé do que os respectivos Plenipotenciarios assignaram este Tratado nas linguas franceza e ingleza, tendo os dois textos a mesma força, e a elle põem seu sello.”

### III

A assignatura do pacto Kellogg trouxe a todo o mundo uma impressão de allivio e de confiança.

Para essa, importa mais que tudo, a actuação norte-americana, cuja autoridade espantosa se envolve no assumpto, não com diletantismo, mas com sincero empenho de contribuir para a obra mundial da paz. Nas conferencias de desarmamento, a licção



americana foi fecunda, vinda do unico paiz, cuja fortuna permite todos os luxos de super-armamentos. Agora, saindo do seu retraimento, toma a proposta Briand, para um pacto bilateral, apresenta-a ao mundo, discute todas as hypotheses que surgem e, para maior relevo, o secretario de Estado vae a Paris e, junto com os plenipotenciarios das grandes potencias, firma o tratado que declara a guerra fóra da lei. A garantia moral dos Estados Unidos é o proprio esteio do pacto. Afastados da Liga, indifferentes ás disputas estranhas, associados e não alliados, na guerra, podem falar com clareza ao mundo e o mundo tem o dever de crer em suas palavras.

Além do mais o exemplo já partiu do continente americano, cujos 32 paizes, reunidos em Havana, no começo do anno, approvaram o principio estabelecendo que toda guerra de aggressão seria considerada illegal e, por consequencia, prohibida e que todas as nações da America deveriam empregar os meios pacificos para obter a solução dos conflictos que possam surgir entre elles. E, indo mais longe, por proposta do delegado brasileiro sr. Raul Fernandes, foi approvedo a 17 de Fevereiro, o principio da arbitragem obrigatoria, a que pela primeira vez adherem os Estados Unidos, devendo em breve reunir-se em Washington uma conferencia para estabelecer o processo pratico do arbitramento. E não se diga que o exemplo da America é simplesmente theorico, pois nas suas contendas tem sido systematicamente seguido o processo de arbitragem. E, ainda agora, na pendencia de Tacna e Arica, quando tudo fazia temer uma solução violenta, vemos Chile e Perú restabelecerem as suas relações, de ha muito suspensas, afim de juntamente fixar e resolver o problema.

Dahi o prestigio que cerca o pacto Briand-Kellogg e a garantia do seu exito, sem esquecer os ponderaveis motivos de ordem moral e psychologica que, neste momento, afastam os povos da guerra e a tornam, em consciencia, um recurso illegitimo e portanto illegal.

#### IV

Entre as reservas suscitadas pelas potencias europeas, vinha de frente o respeito que ellas devem ao covenant da Liga, tido como intangivel. O secretario Kellogg respondeu sempre a isso com habilidade, como vimos, mas o que parece innegavel é que o pacto, feito longe da Liga, sem a sua audiencia, sem o

seu conhecimento, sem sequer a determinação inocua de serem depositadas as ratificações no seu secretariado, a enfraquece definitivamente. Varios jornaes europeus já viram nesse accordo, um substitutivo da Sociedade de Genebra. O certo é que, com as garantias do pacto, sobretudo se fôr universal, que valerão as pequeninas garantias do covenant da Liga? Num caso de guerra, até agora, qualquer paiz poderia ter a esperança de contar com a sympathia dos Estados Unidos, o que anularia qualquer sanção da Liga, pois esta consiste no bloqueio da nação aggressora. Mas, sem o assentimento dos Estados Unidos, como tornar effectivo esse bloqueio? Os Estados Unidos têm, como potencia maritima de primeira grandeza, concepções proprias de direitos neutros na guerra maritima, muitas das quaes collidem com pontos de vista britannicos, de sorte que, num bloqueio desses, se os E. Unidos quizessem violal-o, como resolver? Pela guerra contra a America do Norte, mas isso era generalizar o que se queria evitar e a emenda sairia peor do que o soneto.

Agora porém, o caso muda de figura. Se, numa guerra, a esquadra britannica bloquear um paiz, por força do pacto da Liga, sendo esse paiz signatario do pacto Briand-Kellogg, os Estados Unidos, se não cooperarem no bloqueio, militarmente, não terão autoridade para violental-o, pois, do contrario, iriam violar o espirito do accordo de 27 de Agosto findo. Sob esse aspecto, o pacto prestigia a Liga. Mas, praticamente, o pacto representa um accordo mundial, sobretudo se contar com a adhesão da Russia, ao passo que a Liga é um ajuntamento de algumas potencias, sem força pra impor as suas proprias sanções, como vimos acima. Ademais, foi incapaz a Sociedade de Genebra de conseguir qualquer progresso na limitação de armamentos, e agora, quem fala é lord Bridgeman, primeiro lord do almirantado britannico, "o problema do desarmamento naval se resolverá naturalmente." A Liga das Nações não será contudo um aparelho inutil. Será uma officina technica do mais alto valor e da mais premente necessidade, cujos trabalhos trarão os mais incontestaveis beneficios a todo o mundo, porque a paz não deve ser apenas um ideal, mas um estado de equilibrio, que permita aos povos uma collaboração mutua e effectiva, em beneficio commum.

### CIDADE DO RIO DE JANEIRO SUA POSIÇÃO

Latitude: — Entre 22°-44'-45" e 23°-04'-25" de latitude Sul.

Longitude: — Entre 43°-06'-06" e 43°-45'-58" de longitude W. de Greenwich.

#### SUA SUPERFICIE (Ultimo calculo da Carta Cadastral)

Continental . . . . .	1.129km <sup>2</sup> ,299.600m <sup>2</sup>
Insular (compreendendo as ilhas situadas na bahia e no Oceano) . . . . .	34km <sup>2</sup> ,633.400m <sup>2</sup>
Total . . . . .	1.163km <sup>2</sup> ,033.000m <sup>2</sup>

#### SUA GENTE

Recenseamento de 31 de Dezembro de 1890 . . . . .	522.651 habitantes
Recenseamento de 30 de Setembro de 1906 . . . . .	811.443 "
Recenseamento de 1 de Setembro de 1920 . . . . .	1.157.873 "
Ultimo calculo da Inspectoria de Demographia Sanitaria (31 de Dezembro de 1927) . . . . .	1.729.799 "

# Progressos da Navegação

Diogo Borges Fortes

(Da Marinha de Guerra Nacional)

Navegação é a sciencia que ensina a conduzir um navio de um porto a outro, no menor tempo e com a maior segurança.

Meditando sobre essas duas condicionaes, qualquer leigo reconhecerá a grande complexidade de um problema aparentemente tão simples: menor tempo — factor economico —, traduz-se em caminho mais curto; maior segurança, factor tambem economico, mas principalmente moral e humano, mostra que aquelle caminho não poderá sempre ser a linha recta.

Definiremos, portanto o problema pratico da navegação como sendo: reconhecido o caminho que o navio deve tomar para ir de um porto a outro, com rapidez e segurança, (o que se deduz do estudo dos roteiros e cartas nauticas), fazel-o seguir effectivamente essa derrota.

Para tal, é evidente, torna-se preciso a todo instante saber-se a posição em que se demora no mar.

Podemos distinguir dois casos: a navegação se faz ao longo de uma costa, ou atravez dos oceanos.

Na navegação transatlantica a situação do navio é determinada, sempre que necessario, por observações astronomicas; na cabotagem, os principaes auxiliares do mareante são os pharões e os prumos.

Os pharões dão a conhecer não só o ponto da costa em que o navio se encontra, visto como cada um delles tem suas características de luz (lampejos) proprias, tornando-se portanto impossivel a confusão com os que lhe ficam proximo, como permitem determinar rigorosamente a situação no mar, por meio de observações dos angulos que a quilha do navio, (linha proa-popa) faz com a recta ideal que o une ao pharol: (a taes angulos denominamos na Marinha, **marcações** do pharol).

Os prumos, pesos fixados no extremo de cabos de aço ou de manilha, linho ou canhamo, nos dão a profundidade do mar no local em que se acha o navio, attendendo assim ás necessidades de segurança.

\* \* \*

Dirá agora o leitor: — Mas o que quer mais essa gente do mar? Tendo seus instrumentos astronomicos, seus pharões e prumos, precisará inventar novos aparelhos ou methodos de navegação? E o que falta inventar?

Nada falta, realmente, mas é sabio aproveitar-se dos progressos que a sciencia faculta. E' isso o que fazemos.

Os pharões luminosos têm como principal inimigo a curvatura da terra, que lhes limita o alcance; foram par isso substituidos pelos radio-pharões.

Os prumos mecanicos exigem a diminuição da marcha do navio e não facultam a sondagem continua: cederam o lugar aos prumos sonoros e ultra-sonoros.

Vejamos de modo succinto alguma cousa sobre esses novos instrumentos de navegação.

Os radio-pharões não são mais do que estações

radio-telegraphicas dotadas de antennas directivas, isto é, de dispositivos emissores que enfeixam as ondas electromagneticas, projectando-as em uma só direcção, tal como se dá com o facho luminoso de um pharol commum.

Além delles dispõe o nauta moderno dos radiogoniometros, aparelhos receptores que permitem determinar-se a direcção de onde vem uma onda hertziana, ou em nossa technologia, faculta a **marcação** das estações radio-emissoras.

E' evidente a superioridade dos radiogoniometros e radio-pharões sobre os pharões luminosos, pois com elles, pode-se dizer que "a terra fica mais proxima", isto é, mesmo em alto mar a derrota pode ser feita pelos processos simples da navegação costeira visto serem seus alcances quasi illimitados.

Os prumos sonoros e ultra-sonoros, utilizam-se das propriedades do echo: um som ou ultra-som (vibrações da materia de frequencia superior a 20.000 cyclos), sendo emittido de bordo, propaga-se até o fundo do oceano, onde se reflectindo volta ao navio e é novamente captado por detectores de alta sensibilidade. Conhecida a velocidade de propagação do som na agua, e o tempo gasto para attingir o fundo do mar e voltar, facilmente se deduz a profundidade.

E' claro que para se proceder a uma sondagem com prumo sonoro, não se precisa diminuir a marcha do navio nem se lucta com as difficuldades materiaes inherentes ás linhas de sondar, feitas como dissemos acima, de cabo de aço ou manilha, com chumbadas mais ou menos pesadas.

E tão grande tem sido o progresso da technica que já existem prumos ultrasonoros registradores, isto é, aparelhos que vão constantemente inscrevendo em uma folha de papel o perfil do fundo do mar sob a quilha.

Com o aperfeiçoamento dos radiogoniometros, radio-pharoes, prumos sonoros e ultra-sonoros, muito proximo está o dia em que a propria navegação astronomica passará á ordem das cousas ociosas pois as radio-marcações irão dar ao navio, qualquer que seja a distancia a que esteja da costa, rigorosamente, sua latitude e longitude.

E não se diga que devaneiamos, pois todos os que labutaram em astronomia, lenbram-se dos laboriosos cuidados exigidos para a rigorosa determinação da "hora", indispensavel á conducção de uma bateria de chronometros; nenhum, certamente, esqueceu das interminaveis series de alturas tomadas em theodolito ou ao sextante com horizonte artificial, e os ainda mais interminaveis calculos inçados de logarithmos, minimos quadrados, criteriums, etc., etc... Hoje, com um bom radio-receptor e um par de phones, o engenheiro, o geodesista, o navegante só depararão com uma difficuldade: a escolha do Observatorio cuja hora queiram receber...

# O DICIONARIO DA ACADEMIA

Já appareceu o 1º boletim do **Diccionario brasileiro da lingua portugûesa**, que organiza a Academia Brasileira. A denominação é excellente e pena é que, da leitura inicial, se conclua que o texto não corresponde em absoluto ao titulo. Elucidario portuguez, incluindo brasileirismos, é o que é, e não um diccionario brasileiro, na sua essencia, na sua linguagem, no seu espirito, de interesse e tendencias detidamente nacionaes. Pelo que se vê nesse fasciculo, que vae somente até a palavra — **ABANTES** — (que temos nós com esses homericos Abantes?), e já o demonstrou Agrippino Grieco, não existe um criterio firme, tanto que se incluem palavras absolutamente desinteressantes para nós, sem uso, valor ou vantagem de qualquer especie. Entré outros reparos de Grieco, cita os seguintes vocabulos, que em nada nos importam: — **AARONICOS** ou **AARONIDAS**; **ABÁ**, arbusto africano muito commum em Cuba; **ABAB**, milicia maritima da Turquia; **ABABAIA**, nome dado pelos Caribas ao mamoeiro; **ABABANGAY**, designação de uma flor da India; **ABABIL**, ave lendaria de que fala o Alcorão. E por ahi a fóra.

Aliás, não foi voz profana, senão a de um Academico, Gustavo Barroso, que denunciou esse diccionario como uma mumificação da lingua, “na fórmula e no fundo, de olhos fitos no pequeno paiz de alem mar que gerou o Brasil de antanho, paiz ao qual nos unem laços da mais profunda amizade, que estimamos sem duvida, acima de todos por nos ter dado a existencia, que bem queremos pelo bem que nos fez; mas do qual já nos alongamos muito e muito através do tempo e do espaço.” E, depois, diz que “o ponto de vista da Academia, na questão da lingua tem sido duma estreiteza que lhe não faz honra.” Por fim, assegura que esse diccionario é um desafio ao ridiculo, com as suas 200.000 palavras, custando 36.000 contos de reis e gastando dois seculos de labor!... E para que? Para os vindouros o contemplarem “como nós hoje olhamos para as formas osseas dos dinosaurios e dos mastodontes?” Isso não, porque é preciso respeitar os anti-diluvianos, que constituem fontes da sabedoria paleontologica, ao passo que o diccionario será mostrado apenas.

Mas da Academia não seria isso motivo de espanto. A sociedade literaria do Petit Trianon evita, prudentemente, qualquer attitude definida, no movimento intenso do pensamento brasileiro. Recusando em 1924, a renovação que lhe propoz Graça Aranha, para que dirigisse e orientasse essa actividade, preferiu a posição commoda e inocua do ecletismo, que cochila *ad immortalitatem*. Mas o Brasil é uma força nova, que zomba de toda essa quinquilharia de glorias e exige um esforço immenso para desbastar caminhos. Ha muito matto bravo para derrubar, muita maleita para curar, muito analphabeto para ensinar. A cultura tem de ser um esforço activo da hora actual e para o futuro que nos attrae, pois pequeno e limitado é o passado. Aliás, justiça seja feita, varios academicos assim actuam no paiz, mas fóra da Academia, porque, quando lá chegam e o cenaculo se constitue, começam por perder o contacto com a realidade

brasileira e tudo é uma estagnação no meio fremente que os cerca.

A Academia acredita na commoda função conservadora. E' seu direito e nada temos a ver com isso. Uma vez, porém, que, publicando um diccionario brasileiro, começa a embalsamar expressões, é natural a surpresa. Aliás, de surpresa é toda essa historia do diccionario. Foram feitos calculos do tempo, que levará a sua publicação e do preço que custará (a vinte mil reis o fasciculo) e saíram, como resultados dessas pacientes operações, numeros astronomicos. Pequena é a vida, minguados são os recursos para se contemplar a obra academica. No fim, ninguem se lembrará do principio. Tambem póde ter a vantagem de melhorar, ou mesmo a certeza, porque, dentro de um seculo, quando o diccionario estiver pelo H ou pelo I, o Brasil terá cerca de 150 milhões de boccas falando brasileiro e impondo ao mundo o seu idioma. A vida será intensa e formidavel e a Academia, ou se terá integrado nesse rythmo acelerado, ou então, nem ella nem diccionario existirão mais. Quanto ao criterio, a obra está condemnada mesmo no seu melhor aspecto, que é a minucia. Porque ha sem duvida apreciavel trabalho de pesquisa, embora, ás vezes, o conceito seja indeciso, como acontece com a explicação dos meritos do abacate.

Ninguem vae dar conselhos á Academia, sentinella da **BELLEZA EM SI**, que sabe o que faz, porque o faz, como o faz e com quem o faz. A' altura da sua sabedoria não chegam as nossas palavras. Mas o Brasil, que é uma expressão nova do pensamento e da arte, que ainda não penetrou nos mysterios de Eleusis e vive a vida desabusada da sua juventude, se contentaria com um diccionario mais modesto e portatil, com as palavras que fala, das coisas que usa e das idéas que pensa. Mas a Academia não desce a isso, está acima do espaço e faz obra para a immortalidade, quer dizer, fóra do tempo.

## O ORÇAMENTO PARA 1929

E' a seguinte a estimativa global dos Orçamentos para 1929, salvo as alterações, aliás raras, feitas pelo Congresso, que de pouco modificam esses algarismos:

Receita . . . . .	184.100:800\$000	1.330.859:800\$000
Despeza . . . . .	133.854:970\$612	1.505.297:758\$978
Saldo ouro	50.245:829\$388	
Deficit papel . . . . .		174.437:958\$978
Conversão do saldo ouro, á taxa de estabilização, 4\$567		229.472:702\$815
Superavit papel . . . . .		55.034:743\$837

## PETTORUTI - 1924

F. A. Palomar

Eis aqui um nome; eis aqui uma data. São ambos, na pintura argentina, expressões do mesmo significado. Esse nome e essa data, já agora indissolivelmente ligados, marcam uma nova era na arte argentina. Com elles se inicia o que poderíamos chamar "a era da arte livre".

A magnifica floração de pintores modernos, já agora respeitadas em Buenos Aires, teria sido possível, porventura, antes da explosão de 1924? Bazaldria, Butler, Del Prete, Pissano e os demais consagrados hoje pelo publico portenho, teriam conseguido tal exito sem que tivesse sido previamente preparado o terreno da indiferença, pelo dinamico e explosivo Pettoruti?

Convem lembrar o ambiente artistico de Buenos Aires antes de 1924. Não negaremos o interesse pelas cousas de arte do publico portenho, que, até então frequentava as exposições de pintura, mas devemos examinar como norteava a sua curiosidade e interesse. Já havia uma grande quantidade de galerias notáveis e salões perfeitamente organizados, nos quaes, diariamente, se realisavam, de Março a Dezembro, exposições de tudo quanto o mundo produz em materia artistica. De tudo quanto o mundo produz, é certo, menos do que se chama "arte de vanguarda".

Em pintura hespanhola, por exemplo, logo depois de Sorolla, Zuloaga e Anglada Camaraza, que influíram, por algum tempo, especialmente os dois ultimos, vieram os nomes de Romero de Torres e Anselmo Miguel Nieto, attraíndo momentaneamente a atenção do publico. Da França, depois do impressionismo, que chegou um tanto atrazado, visitavam-nos com frequencia os Besnard, os Lucien Simon, os Charles Cotet, os Henri Martin, para só citar os principaes, emquanto Bartels Fray, von Stuck ou Zügel, com o suíço Böcklin, era tudo quanto nos chegava da Allemanha. A Italia inundava os nossos salões com os Camilo Innocenti, os Ettore Tito, os Zanetti, os Selvatico, os Previati, os Michetti, os Mancini, sem esquecer o retratista Boldini.

Assim, pois, o publico já tinha as suas preferencias firmadas por um longo **training** de varios annos, de exposições organisadas por "Marchands", quando Pettoruti, em 1924, abre a sua primeira exposição nas Galerias Witcomb.

Conceber-se-ia maior audacia, do que a desse pintor quasi desconhecido na sua patria, recém-chegado da Europa, lançando a um publico não preparado as suas oitenta obras desconcertantes? Nunca se agitou tanto, como então, o ambiente artistico de Buenos Aires. Aquella exposição foi um motivo de polemicas e artigos violentos, diatribes e conferencia. Serviu, ademais, para definir grupos e orientar tendencias. **Martin Fierro**, no seu numero 10, lhe consagrou um estudo, no qual o seu autor, Xul Solar, já presentia o que logo se realisou. "Sempre electrísado — disse o articulista — chispante, é um activo fermento e comburente na vida dos seus amigos, e o sera por certo na de nossa patria."

Depois de quatro annos, confirma-se inteiramente a **prophecia**. Nesse espaço de tempo, Pettoruti realisou cerca de 12 exposições em Buenos Aires, La Plata, Cordoba e Rosario. Por outro lado, os jovens artistas e escriptores, desorientados e dispersos encontraram o elemento de cohesão que lhes faltava.

Onde Pettoruti pisava nasciam revistas, como **Clarim**, de Cordoba, **Indice**, de Bahia Blanca. Foi um dos elementos da **Revista Oral** de Buenos Aires, que, durante algum tempo fez suas edições no sotão do Royal Keller, e, não ha muito, inspirou a fundação do **Boliché de Arte**, instituição que realisou Leonardo Staricco, o critico das novas tendencias.

Ao revez da sua primeira exposição em 1924, a obra de Pettoruti foi parodiada grosseiramente por um grupo de pintores que, á sombra do pseudonymo, realisaram uma exposição na galeria Van Riel. Fizeram futurismo, cubismo, expressionismo, deformando caprichosamente as formas apparentes do mundo visível, na intenção provavel de demonstrar, como era facil ser pintor das novas tendencias. O mais absoluto fracasso: porem coroou tal tentativa. O proprio Pettoruti assistiu á vernissage e felicitou a alguns dos presentes autores de taes pastiches. Muitos daquelles pintores fazem hoje a serio o que então fizeram por pilheria.

Offerece a vida de Pettoruti um caso tipico do pintor de vocação e nelle insistimos. Nascido em La Plata, pinta desde os primeiros annos guiado quasi que exclusivamente pela sua forte intuição. Talvez naquelles tempos soffresse a seducção de Anglada. Vae á Italia aos 19 annos. Primeiro, em Florença e Roma, disciplina-se no estudo severo dos classicos e dos primitivos. Conhece Piza, Bolonha, Ferraro, Parma, que lhe são familiares.

Investiga, medita e ensaia. Estuda todas as technicas e realisa pacientes aprendisagens, guiado pela sua clara intelligencia pelo seu amor á ordem e á logica. Mais tarde installa-se em Milão, incorporando-se ao mais avançado movimento artistico da Italia.

Multiplas são as occupações que absorvem, nessa epoca, a atenção do nosso pintor. Faz retratos **pompier**; faz scenographias; debuxa figurinos para **hel-lests**; illustra obras para os editores milanezes; compo diversos vitraes de fino gosto decorativo; realisa, com diversos materias e com uma technica personalissima, mosaicos raros; pinta delicadas aguarellas de feição japoneza, emquanto vae realisando a sua verdadeira obra, a que o apresentará no seu aspecto real de um forte pintor.

Vae depois para a Allemanha, ficando uma temporada na Baviera, onde pinta uma serie de paisagens em Tegernsee. Em Munich e em Berlim se põe em contacto com todo o movimento expressionista.

Nessa ultima Capital expõe no salão **Sturm**, o famoso centro de vanguarda, por onde tem passado toda a pintura nova ou melhor, o mais audaz da arte pura. Apresenta-se depois em Paris e conhece de perto Picasso, Juan Gris, Archipenko, Chagall, Zatkan, Bernardes e outros.

Com Xul Solar volve então á patria, depois de 11 annos de ausencia. O seu regresso, em 24, inaugurou, como dissemos acima, o cyclo da **arte livre** na Argentina.

Que surpresa nos reserva ainda este pintor que, entre as suas melhores qualidades, possui a de renovar-se continuamente? E qual será o benefico influxo que a sua personalidade tumultuosa marcará nos destinos da arte do seu paiz? Para respondel-o precisamos ainda da perspectiva no tempo.

# NOVA POESIA ESTADUNIDENSE

TEIXEIRA SOARES

Quando, em 1920, appareceram os poetas, que constituíam o segundo movimento de renascimento, principiado, em 1913, por James Oppenheim, Amy Lowell, Robert Frost, Lee Masters, Gould Fletcher, e mais tarde continuado por Sherwood Anderson e Carl Sandburg, o maior de todos elles, o homem que comeu o pó da vida do Centro-Oeste, e que cantou com todas as forças dos seus pulmões e do seu sangue — o sangue arterial do petroleo que jorra pelos encanamentos das torres dos poços —, houve um arrebenatar de caminhos novos. Cada qual queria ser original, diferente e imprevisito. Onde encontrar a originalidade? — era a pergunta de todos os poetas que se adestravam nas universidades, nas redacções dos jornaes, nos escriptorios commerciaes, nos ranchos. Influenciados pelos russos, inglezes, francezes, allemães, por todas as escolas artisticas, por motivos exoticos de fundo cultural, pelas condições sociaes, economicas e politicas dos proprios Estados Unidos, por lembranças de fundo ethnico (porque muitos não eram americanos a 100%, como Alter Brody nascido em Grodno, Russia, Arturo Giovannitti, nascido nos Abruzzos, Italia, e outros), esses poetas separaram-se da tradição de Poe e Whitman. Se guardavam um pouco do culto á “gloria do logar commum”, como dizia Whitman, resolveram ir mais longe: cavaram o folk-lore, ás lendas, a musica, a vida nacional, tudo explorando, misturando á vida pacifica das aldeias a agitação cyclopica-manhattan das grandes cidades. Tudo isso deliberadamente no que se referisse aos fins a serem conseguidos. Ficaram, entretanto, de accordo com Whitman quando este dissera:

what is commonest, cheapest, nearest, easiest is Me.

Evidentemente, nem tal podia deixar de occorrer, ha reminiscencias de Poe e Whitman em alguns poetas da moderna literatura dos Estados Unidos. São, entretanto, reminiscencias que se combatem a todo o transe. Os **imaginistas**, por exemplo, orientados por Ezra Pound e Amy Lowell, reagiram fortemente contra a poesia a esfuminho de Poe. Está no manifesto que publicaram: “— to produce poetry that is hard and clear, never blurred or indefinite” — ou — “finally must of us believe that concentration is the very essence of poetry”.

O que ha de mais forte é justamente o aproveitamento de tudo que é **nacional**. John V. A. Weaver tem escripto os seus poemas “em americano”, desde 1921. Os poemas de Paul Laurence Dunbar, um poeta negro, que falleceu em 1906, escriptos em idioma americano, exerceram forte influencia sobre alguns poetas do sul, de Ohio para baixo. Sherwood Anderson, depois de ter conquistado nome como romancista, escreveu os seus profundos poemas em uma linguagem aspera, saborosa, de dentes duros, sanguinea, linguagem da gente do centro-oeste do paiz. Queremos dizer as coisas á nossa moda e no nosso modo de falar. Pouco nos importa que os poetas de Oxford nos dêm ouvidos. Queremos arrancar o que é da terra nem que seja cascalho.

O norte magnetico está na personalidade de cada um. E é por isso que se encontram os mais antagonicos poetas constituindo a moderna literatura dos

Estados Unidos. Tão grandes têm sido os avanços em todas as direcções que entre os modernos de 1926-28 e 1920-24 já existe um abysmo. Em 1921, John Dos Passos, de origem portugueza, escrevia ainda um poema tendo por thema o “Embarquement pour Cythère”. Como está distante de nós e do proprio autor esse poema... Confrontemol-o, por exemplo, com os impressionantes versos do **Quarto Enorme** de E. E. Cummings, um dos maiores poetas dos Estados Unidos: a differença é extraordinaria em todos os sentidos.

Não é facil dizer quaes os coefficients que desviaram o curso do rio tradicional Poe-Whitman. Por um lado, ha a considerar a poesia ironica, sarcastica, intellectual de certos modernistas inglezes influenciando sobre os americanos. E' necessario que se diga que a imitação, se existe, é mais epidermica do que profunda. As correntes diffusas das artes modernas, da Russia, da Allemanha e da França, baralharam uma tremenda porção de noções antigas que estavam completamente arrumadas. O resultado foram coisas como este poema de Carl Sandburg:

## HAZARDOUS OCCUPATIONS

Jugglers keep six bottles in the air  
 Club swingers toss up six and eight.  
 The knife throwers miss each other's  
 ears by a hair and the steel quivers  
 in the target wood.  
 The trapeze battlers do a back-and-forth  
 high in the air with a girl's feet  
 and ankles upside down.  
 So they earn a living — till they miss  
 once, twice, even three times.  
 So they live on hate and love as gypsies  
 live in satin skins and shiny eyes.  
 In their graves do the elbows jostle once  
 in a blue moon — and wriggle to throw  
 a kiss answering a dreamed-of applause?  
 Do the bones repeat: It's a good act —  
 we got a good hand...?

Como se disse anteriormente, é preciso reconhecer que muitos dos mais importantes poetas da nova geração americana estão impregnados de um profundo sentimento de despatriação, de fuga, de algo de instabilidade medusaria. Os seus proprios nomes, de origem judaica, russa, irlandeza e allemã, traduzem umas tantas impressões que um descendente de inglezes provavelmente não sentiria, não porque fosse incapaz, mas porque o seu espirito, mercê de umas tantas influencias, não se encontrava apto a transmittil-as ao mundo.

E. E. Cummings, um dos mais arrojados poetas da nova geração, constitue magnifico modelo de liberdade creadora, em um paiz em que as limitações de ordem esthetica surgem por toda a parte, espalhadas pelo espirito conservador. A sua maneira pessoal fica bem clara neste seu poema:

## ORIENTALE

i spoke to thee  
 with a smile and thou didst not  
 answer  
 my mouth is as

## Os Arranha-Céus

Já levantou varios protestos a deliberação municipal, tomada ou em vias de o ser, prohibindo a construção de arranha-céus, a não ser em determinadas zonas da cidade e, ainda assim, fixado o numero de andares, de sorte a resultar uma harmonia de fachadas, a exemplo do que existe em varias cidades europeas. A adopção de tal alvitre, numa hora em que a physionomia urbana se modificava e ganhava extraordinaria imponencia com os grandes edificios de cimento armado, que tiravam a mesquinhez das nossas construcções, em geral minguidas diante do scenario extraordinario que nos cerca, vale por um erro serio, contra o qual não é demasiado insistir. Estamos num momento de intenso nacionalismo, procurando fundal-o na adaptação do espirito continental, que nos parece mais de accordo com a finalidade brasileira, do que a adaptação europea. Se o plano Agache procura fazer do Rio uma cidade brasileira, merece os melhores applausos, mas se, pelo contrario, quer transportar para aqui os modelos das magnificas capitães europeas, é um preconceito funesto. Naturalmente, objectar-nos-ão que os arranha-céus são yankees e se trata tambem de um artificialismo, contra o qual os sacerdotes coloniaes, tendo á frente o sr. José Marianno, já lançaram os mais veementes protestos.

Ha nisso duas coisas a considerar, o lado economico e o lado esthetico. Economicamente (e as leis economicas é que regem todas as determinações architectonicas) o arranha-céo é uma funcção do preço exorbitante a que chegaram os terrenos, de sorte que o capital empregado exige uma retribuição compensadora. Já um dos nossos mais autorizados constructores demonstrou que, enquanto um edificio commum rende 5 a 10%, um arranha-céo dá um lucro de cerca de 25%. Portanto é uma necessidade altear os edificios, permitindo que produzam o rendimento do capital vertido no terreno e construcção. Pelo lado esthetico, o arranha-céo é bem um symbolo da nossa época de força e

de grandeza. Veiu dos Estados-Unidos, por ser esse paiz que representa melhor, na hora presente, o rythmo da civilização nova, veloz e trepidante. É uma construcção geometrica, no momento em que os homens anseiam pelas linhas simples e pela medida, que augmenta o rendimento das coisas e as tornam mais accessiveis e uteis. Segundo Claudel, o arranha-céo, que antigamente poderia parecer desgracioso, aperfeiçoa as formas, a estrutura. A prova é que o unico lugar, no Rio, em que se tem uma impressão urbana forte é a zona da Ajuda, onde se erguem os edificios de cimento armado. Naturalmente, enquanto a cidade ainda estiver cheia de casinhas *art nouveau*, gosto que presidiu á construcção da Avenida Rio Branco, os arranha-céus se tornam volumes estranhas e audazes, mas, em breve, elles dominarão todo o centro da nossa capital, crescendo sempre em proporções. Estão annunciados os projectos de demolição dos hoteis Avenida e Palace, para serem erguidos edificios de 24 a 30 andares, a menos que a Prefeitura impeça as obras.

Discutir a esthetica do arranha-céo é um bysantismo. Em primeiro lugar, corresponde á sensibilidade moderna da população, que os admira e delles se orgulha. Em segundo lugar, não se trata de uma innovação; mas de um principio dominante de architectura e já se annunciam até arranha-céus em Roma e outras capitães europeas. Compreende-se, aliás, que cidades feitas, como Londres ou Paris, não queiram alterar o seu panorama civil com um modelo diverso, mas, no Rio, onde tudo está por fazer, parece ridiculo. Em Buenos-Aires, que é uma cidade, nesse particular, muito mais adiantada do que o Rio, não se elevam formidaveis arranha-céus? E, mesmo em São Paulo, onde o cuidado pela architectura tem sido muito maior do que aqui, não os ha por toda parte? A deliberação municipal é um tributo passadista, que tem de ser evitado.

A Prefeitura deve ter uma fiscalização nas construcções, é coisa que ninguem póde discutir de boa fé, mas isso não póde ser uma dictadura arbitraria, compromettendo interesses economicos e a liberdade individual.

a chord of crimson music

Come hither

O thou, is life not a smile?

i spoke to thee with

a song and thou

didst not listen

thine eyes are as a vase

of divine silence

Come hither

O thou, is life not a song?

i spoke

to thee with a soul and

thou didst not wonder

thy face is as a dream locked

in white fragrance

Come hither

O thou, is life not love?

i spoke to

thee with sword

and thou art silent

thy breast is as a tomb

softer than flowers

Come hither

O thou, is love not death?

Mais longe — mais longe — e poetas norte-americanos, de bom sangue estrangeiro, atravessam o Atlan-

tico e acabam por fixar-se em Londres e Paris (onde fundam *Contact* e *Transition*), como T. S. Elliot, Emanuel Carnevali, Gerthurd Stein, Gustav Davidson, nascido em Varsovia, e tantos outros. Porque? se a patria é rica, poderosa, exuberante de energias? Ah, será que elles passem como miseros escravos nas ruas das grandes cidades que mais parecem verdadeiros cañons do Colorado?

Curioso será notar que a voz da nostalgia, do sentimento profundo, ingenuo e torturado, fala pela poesia concisa dos poetas negros, como esse admiravel Countee Cullen, nascido em 1903, e Langston Hughes. As torturas, as desigualdades de toda a sorte impostas aos estrangeiros, especialmente aos da Europa Oriental, irrompem na poesia de Michael Gold, filho de judeus hungaro e rumena. Notas crispadas vibram nos seus versos e temos a impressão de que nas grandes cidades os immigrantes estrangeiros vivem comprimidos em verdadeiros ghettos. Outros, como Leon Srabian Herald, armenio de nascimento, erguem gestos fanaticos de São João Baptista e clamam a destruição de toda uma civilização: são os nihilistas implacaveis.

Voices da America, voces de alegria, voces de odio, voces de esperança, de amor, de desanimo? Que inporta que gladiadores sejam vencidos pela multidão, se o espectáculo é intensamente bello?

# REPERTÓRIO

## HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

### HENDRIK MAN

Comparado, como personalidade, a Wells e a Bernard Shaw, elogiado por Kaiserling, que considera a sua *Zur psychologie des Sozialismus* a maior obra escripta depois do *Capital* de Karl Marx, Hendrik Man é uma das figuras mais empolgantes da Alemanha moderna. Inspirador do movimento do *Jungsozialismus*, e critico dos mais notáveis do socialismo contemporaneo, cujo espirito propõe-se a reformar. A sua obra não é muito numerosa, afóra aquelle livro, apparecido em 1926, tem ainda publicad- os: *Der Kampf um die arbeitsspende* (A luta pelo trabalho gratuito), *Die Stelktuellen und der Sozialismus* (Os intellectuaes e o socialismo) e *Antwort an Kantsky* (Resposta a Kantsky), todos de 1927.

Man tem criticado vivamente o marxismo, com a sua doutrina do materialismo historico, que tudo reduz ao problema economico, proposto pela luta das classes, oppondo-lhe o conceito pragmatico, segundo o qual "o valor de uma theoria socialista se estima segundo a sua significação pratica no movimento operario." Contra essa heterodoxia clamou Kantsky, mas Man sorriu da infalibilidade das leis científicas do materialismo historico e recorreu a uma razão psychologica para explicar o socialismo, como coisa nova, que deve criar novos valores e almas novas, iniciadas na convicção de que a riqueza não dá a felicidade. Para Man, segundo escreve Manuel Pedroso, a massa operaria occidental carece de alma, ou se renderá ao capitalismo. Faz a reacção espiritual contra o materialismo marxista e mostra que as rijas conclusões scientificas, que pretendem reduzir a vida á luta de classes, não o convencem de que deva lutar por uma dellas. São necessarias "valorisações ethicas", idéal que constitue o fundamento da acção e o espirito da obra de Man.

### O NOVO JUIZ DA CÔRTE PERMANENTE DE JUSTIÇA INTERNACIONAL

Foi eleito juiz da Córte de Justiça Internacional, em substituição ao Sr. Basset Moore, o Sr. Charles Evans Hughes, uma das grandes figuras do scenario americano e mundial. Não vamos discutir se essa eleição é inoperante, visto não terem os Estados Unidos adherido á Liga das Nações, ou mesmo accito a Córte, mas, tão sómente, pôr em devido relevo toda a significação da escolha de Hughes. Para tanto, basta percorrer a sua biographia e lembrar que esse filho de modesto pastor protestante, de linhagem gallense, e de uma senhora irlandesa-cosseza, desde cedo revelou extraordinarias aptidões para os estudos classicos e para as investigações metaphysicas. Ainda estudante, na Universidade de Brown, publicava os "Ensaio sobre os males da alta literatura" e "Limitações da intelligencia humana". Fez, com raro brilhantismo, os seus estudos de direito na Universidade de Columbia e dedicou-se depois ao magisterio, sendo celebre, até hoje, a classe de estudos biblicos que fundou em Nova York.

Attraiu-o depois a politica e militando nas fileiras republicanas, foi em 1906, eleito governador do Estado de Nova York, tendo o seu mandato renovado. Na presidencia Taft, nomeado ministro da Suprema Córte, deixou esse cargo em 1916, quando indicado pelo seu partido para candidato á presidencia da Republica. Perdeu a eleição por 5 votos, sendo reeleito Wilson. Este solicitou a sua collaboração no governo, na hora grave da guerra, e Hughes foi feito presidente do Conselho de Appellação dos Reservistas e depois consultor especial do procurador geral da Republica. Ao mesmo tempo, reabria o seu escriptorio de advocacia, tomando parte em processos famosos e era eleito presidente do Instituto de Advogados de Nova York.

Com a victoria dos republicanos e a subida ao poder do presidente Harding foi nomeado secretario de Estado, crescendo em todo o mundo o prestigio do seu nome pela acção esclarecida com que dirigiu a politica internacional da grande Republica. Fallecendo Harding, conti-

nuou Hughes, com o presidente Coolidge, até o termo do quadriennio, recusando-se então a permanecer no gabinete, no novo periodo. O seu ultimo acto, como Secretario de Estado, foi a assignatura da Acta de Washington, que effectivou os bons officios dos Estados Unidos, na questão de limites entre o Brasil, Perú e Colombia.

Voltou á advocacia, deixando o seu escriptorio, no começo do anno, para chefiar a delegação norte-americana á VI Conferencia Internacional Americana, em Cuba, onde a sua actuação foi uma das garantias do exito desse congresso. Eleito por todas as nações, para Juiz da Córte Permanente de Justiça Internacional, Hughes teve, nessa demonstração, uma alta prova do prestigio que cerca o seu nome. Não terminaremos, sem recôrdar que Hughes, como Secretario de Estado, visitou o Brasil, em 1922, por occasião das festas do centenario, e foi aqui recebido com as mais significativas homenagens.

### MAX SCHELER

Este pensador, que falleceu ha pouco em Francfort, era, pelo merito da sua obra e pela influencia que exercia na mentalidade germanica, uma das figuras centraes do pensamento moderno allemão. Estreou em 1900, com a these de doutoramento *Die transzendente und die psychologische Methode* (O Methodo transcendente e psychologico), tornando-se depois um phenomenologista, sob a influencia de Husserl, a cuja obra abriu horizontes mais largos. "Para o sêr humano, que vive e actua — escreve B. Groethuysen, explicando-lhe o pensamento, o mundo não poderia existir senão em funcção de uma vida. O mundo é para cada um, o seu mundo, é o meio no qual vive, concebido sob formas mais geraes e indo além do que se vê, mas que não poderia deixar de ser relativo, isto é, que não poderia ser tomado fóra das suas relações com a vida. Assim o sêr humano é naturalmente relativista. Todas as suas concepções são dominadas e lhe são inspiradas por um relativismo vital, que parece dever ligar sempre uma ao outro, a vida ao conhecimento."

A sua obra fundamental **Von Ewigen in Menschen (Do Eterno no Homem)** defende o principio de que philosophar é "conhecer por um esforço de sympathia intellectual a natureza intima das coisas", base essa da sua phenomenologia. Publicou depois varios trabalhos, dentre os quaes salienta-se **Wesen und Formen der Sympathie (Essencia e Fôrma da Sympathia)**, no qual acentua o valor psychologico da sympathia no conhecimento humano e mostra o primado das razões do coração de Pascal, na vida moral e affectiva. Nos últimos annos, afastou-se do catholicismo, que denunciou como entrave ao desenvolvimento metaphysico do mundo occidental. Max Scheler propoz-se "a rever o problema da posição metaphysica do homem no Cosmos, em relação ao fundamento do mundo, e resolve-o de novo, na medida das nossas forças."

Pensador agudo e audacioso, embora um tanto difuso nas idéas, Max Scheler foi um angustiado pela fôrma do conhecimento, que lhe deu a "nostalgia de philosopho", vendo o mundo nas relatividades do seu sêr, mas supeitando da sua essencia absoluta.

## VIDA INTERNACIONAL

### FONTES ECONOMICAS DO MUNDO

Com esse titulo o **Drsdner Bank** acaba de publicar um inquerito para conhecer as grandes transposições economicas que, por causa da guerra mundial e das condições post-guerra, se realizaram entre os paizes e os continentes. Além de numerosos quadros symnópticos e numeros-indices, ha largas exposições do desenvolvimento da economia mundial, desde antes da guerra. Em forma synthetica expõe os resultados das investigações sobre agricultura, fontes de energia industrial, metallurgica, materias primas e productos alimenticios, producção de sães de potassa, industria manufactoras, commercio e trafico mundiaes. E, em todos esses assumptos, estudam-se os problemas actuaes da economia mundial, assim como o progresso da industrialização dos paizes antes exportadores de materias primas; as modificações realizadas em antigos paizes industriaes na luta pela acquisição de materias primas; a concentração industrial e as ramificações mundiaes das diversas economias nacionaes, etc. E, em menos de 150 paginas, um resumo geral fundamentado de toda a situação economica mundial, na hora perturbada de depois da guerra. A obra foi publicada em francez e inglez, projectando-se a sua edição periodica.

### O ACCORDO NAVAL FRANCO-BRITANNICO

Dopoiz da assignatura do pacto Briand-Kellogg, nenhum assumpto preoccupa mais a opinião internacional do que o accordo naval franco-britannico, que, embora ainda não publicado na integra, já se conhece o sufficiente para estimar a sua importancia e significado. Não se trata de uma cooperação de esquadras, como foi propalado, mas de um entendimento que sirva de base ao desarmamento naval, principal preocupação para executar o programma pacifista, que empolga o mundo. Porque esse accordo, então, é bilateral — indagam por toda parte — e nelle não intervêm potências navaes mais poderosas do que a França? E' simples a explicação.

Quando foi da reunião da Comissão Preliminar de Desarmamento, em 1927, uma divergencia surgiu entre a França e a Inglaterra, de tal sorte que a conferencia encerrou os trabalhos, recomendando aos governos um entendimento directo por via diplomatica. E o primeiro resultado desse entendimento é o accordo franco-britannico. A Inglaterra queria limitar a tonelagem por categorias de navios para as grandes unidades, enquanto a França advogava uma limitação global, ficando a cada paiz o arbitrio de empregar essa tonelagem como melhor lhe parecesse. A segunda divergencia era sobre as reservas militares, que a Inglaterra pretendia reduzir, limitando a conscripção, ao passo que a França entendia necessario diminuir os armamentos e encaminhar a questão para o systema de milicias.

Nessa situação foi tentado o entendimento diplomatico, visando conciliar os pontos de vista antagonicos e não estabelecer um accordo naval europeu, que visasse hostilizar os Estados Unidos, como já o desmentiu categoricamente o "Foreign Office", esclarecendo tratar-se de um simples compromisso relativo ás condições de reducção de armamentos navaes.

Resolveu-se, afinal, que a limitação da tonelagem seria feita por categorias, sendo estas estabelecidas de sorte a ter em conta, até certo ponto, os interesses francezes, para o que se limitava a tonelagem de certas unidades e para as demais haveria inteira liberdade. Em relação ás reservas, materia que não figura no accordo, puramente naval, assegura-se que a Inglaterra se teria comprometido a acceder, opportunamente, ás considerações francezas. E nada mais.

Trata-se, portanto, de um passo no sentido de sahir-se da difficuldade sobre a limitação por tonelagem global, que

foi o constante motivo de insuccesso de todas as reuniões de desarmamento. O exito do accordo franco-britannico, entretanto, dependia do apoio "yankee", pois o Japão acompanha a Inglaterra e a Italia participa do ponto de vista francez. Os Estados Unidos, porém, na nota em que responderam á comunicação ou consulta dos gabinetes de Londres e Paris, sobre o accordo, não concordaram com o criterio nelle seguido, sobretudo no que se refere a submarinos e pequenos cruzadores, allegando serem prejudicados por qualquer tratado desarmamento feito sob essa base. Ainda não se conhecem as respostas, mas quaesquer que sejam, não resta duvida de que as reservas dos Estados Unidos condemnam o acordo nos seus termos actuaes, a um fracasso, pois deixa de ter a sua função primordial, de elemento conciliatorio no problema, sendo pois de crer que se reabram as negociações, levando em conta as reservas de Washington.

### A CAMARA FRANCEZA

Tres grandes partidos reuniram os votos: republicanos, radicaes e socialistas. Com effeito, contam-se cento e trinta e um republicanos, mais cento e seis republicanos da esquerda, mais cinquenta e cinco republicanos radicaes, mais quarenta e sete republicanos socialistas, mais cento e vinte e tres radicaes e radicaes socialistas, mais cento e um socialistas, mais dois socialistas communistas. Conservadores, democratas e communistas têm respectivamente, dezeseite, quinze e quatorze logares.

Quanto ás profissões dos deputados francezes desta legislatura, temos:

Cento e trinta e dois advogados foram eleitos, em frente da classificação por profissão, seguidos pelos proprietarios e rendeiros, em numero de setenta e tres. Seguem, depois, sessenta e dois industriaes, cinquenta e cinco publicistas e litteratos; quarenta e seis professores; quarenta e tres medicos; quarenta agricultores; vinte e seis negociantes; vinte e dois operarios; vinte e um funcionarios; dezeseite engenheiros; quatorze empregados; oito militares; sete juizes; sete pharmacuticos; sete tabelliães; cinco procuradores; cinco veterinarios; quatro ecclesiasticos; dois architectos; dois armadores; dois banqueiros; um esculptor; um diplomata; um administrador e nove de diversas profissões.

JANUARIO é o alfaiate moderno de todo o Rio elegante.

Assembléa, 105-sob.

Ph. C. 1058.



## MUSICA

### PRIMEIRAS AUDIÇÕES DE VILLA LOBOS

O grande êxito que tem obtido em Paris, Villa Lobos, hoje consagrado entre os mestres modernos, é uma alta afirmação do triunfo magnífico do modernismo brasileiro, de que é uma das mais altas expressões. As suas obras, agora divulgadas em discos, pelas grandes casas, fazem parte dos programas dos intérpretes de maior fama mundial e, nos 1.419 concertos da estação musical parisiense de 1927-28, foram dadas as seguintes primeiras audições de Villa Lobos. *Obras para ou com orchestra*: Choros, n° 8, Serestas, Dansas Africanas, Serenidade, A Borboleta em torno da luz; *Obras vocaes*: O Anjo; *Obras para Piano*, Rude Poema, interpretado por A. Rubinstein, a quem é dedicado, 2 saudades do Brasil; *Obras para Piano e Violoncello*: Berceuse; *Obras para instrumentos diversos*: Choros n° 2 (para flauta e clarineta); *Obras de musica de camera*: Choros n° 4 (3 cornes e trombone), Choros n° 7 (Madeiras, saxofone e violoncello). Todas essas obras de Villas Lobos foram executadas em grandes centros musicas de Paris, salas Gaveau, Pleyel e Straram, alcançando um extraordinario successo, de que nos certificam as criticas francesas, dentre as quaes salientaremos a de Boris de Schloezer, que affirmou uma das expressões mais significativas da musica moderna e de Florent Shimitt, que o collocou, pelo vigor do seu temperamento, ao lado de Stravinsky, Prokofieff, Honnegger e Lourié.

### A NOVA OPERA DE STRAUSS

Foi levada, ultimamente, em Vienna, a ultima opera de Ricard Strauss: *Helena no Egypto*, libreto de Hofmansstahl. Segundo Eisner-Eisenhof, trata-se de trabalho de muita habilidade, sobretudo orchestral, embora com paginas inteiras de Wagner e até de Debussy, sendo o texto absolutamente incompreensivel e a musica de Strauss diffusa e enervante. Não será que o critico viennense exagera a sua má vontade com o mestre, de quem se tem sempre para admirar a sua grandiosidade symphonica?

### O INNOCENTE

A Companhia Lirica do Municipal levou **O Innocente**, opera do sr. Francisco Mignone, que, num sala meio vasia, conseguiu relativo exito. O Autor que, annos atraz, fizera representar no mesmo theatro **O Contractador de Diamantes**, peça de boa technica e pequeno valor, da qual, em verdade, se salva a **Congada** que, por signal, foi dansada por indios, desde logo revelou os seus acen-

tuados pendores para a musica italiana e, mesmo no assumpto nacional, não sentiu o Brasil.

Agora, na nova opera, que se disse brasileira, por ser o sr. Mignone brasileiro de nascimento, esse entrave se quebrou e elle deu vela para onde as suas tendencias o levaram. Nesta hora de nacionalismo em arte, quando cada paiz procura nas suas fontes o motivo, que a criação universalizará, o esforço do sr. Mignone, em quem ha um musico de certos meritos, se perde sem finalidade. A musica brasileira se affirma e as tentativas de Levy e Nepomuceno seguidas das realizações de Villa Lobos, Lorenzo Fernandez, Gallet e muitos outros, abrem novos caminhos, fóra dos quaes todo esforço se transviará. Não estamos, é certo, a exaltar delimitações, que perturbam a arte, mas mostrando a estrada livre, onde a nossa musica se transfigurará.

Não o sentiu assim o sr. Mignone, ou não o pode sentir, pois o sangue e a educação o afastam do tumulto da terra em que nasceu. Não terminaremos este registo sem salientar o valor tecnico da opera do sr. Mignone, composta sobre um libreto absolutamente detestavel.

### MUSICA AUTOMATICA

Foi Stravinsky quem primeiro viu no piano mecanico uma nova fonte musical. Ao invés de procurar fazel-o, como era e ainda é em grande parte, um espelho, uma photographia, do pianista, deve dar "uma visão nova das obras num universo sonoro novo". A musica nos rolos perfurados começou a interessar e, além do grande compositor russo, Honnegger, Manuel de Falla, Milhaud, Jacques Hertz e Huidewith,

### O "QUADRO OBJECTO" DE LÉGER

Podem considerar-se as ultimas composições de Léger como signal de uma libertação completa do assumpto, porque não obedecem mais senão a uma vontade livre, a do pintor, que distribue os objectos liricos, na ordem em que os inventa. Mas o pintor no seu desejo de libertar o seu "quadro-objecto" de toda idéa de representação objectiva, acaba por libertar-se a si mesmo. E tanto melhor. Porque é assim que encontra, na hora actual, a possibilidade de desprender-se, e muito naturalmente, da propria preocupação do "quadro-objecto". Do controle fecundo que era no começo, ameaçava de tornar-se uma theoria estacionaria sem utilidade pessoal. Quando o artista possui uma coisa, deve desprezar toda preocupação exterior, o que lhe permite ir sempre e cada vez mais longe.

Os "quadros-objectos" de Léger foram, a principio, quadros, pinturas. As suas ultimas pinturas são tambem magnificos "objectos".

E. Tériade.

entre outros, têm trabalhado directamente nesse material, que não traz uma limitação, como pretendiam os mestres antigos, mas, ao contrario, uma liberdade maior, independente das mãos do pianista. Ao lado do esforço artistico, toda uma série de pesquisas se faz, para o maior aperfeiçoamento do instrumento automatico.

### A DANSA NA TURQUIA

Numa conferencia feita na "Ecole Normale de Musique", de Paris, sobre o movimento musical na Turquia, o Sr. Tjelmal Rechid fez um estudo interessante dessa arte no paiz que Mustaphá-Kemal civiliza á occidental. Extraímos o trecho relativo á danza, que nos pareceu mais curioso:

"A proposito de danza é preciso vos dizer que a mais característica de todas, no paiz, é a dos Zéibeks. (Os Zéibeks, são tribus de Vilayet d'Aidin, perto de Smyrna.)

Esses homens se reúnem muitas vezes, nas montanhas, nas aldéas e mesmo nas cidades, dansam e cantam aos sons de seus instrumentos primitivos.

Duas maneiras de dansar são as suas. A "Aguir Zéibek", ou danza lenta, e a "Yuruk Zéibek" na qual o rythmo é mais vivo. A primeira destas dansas é mais dos Zéibeks sedentarios, ao passo que a segunda pertence ás tribus nomadas, que percorrem o paiz, vão no verão para as alturas e descem com os primeiros frios.

Nas suas dansas e mesmo em quasi todos os cantos de Anatolia, é muito pouco empregado o tom alto que se encontra muitas vezes nos trechos occidentaes com pretensão oriental. São os modos antigos que se encontram muitas vezes.

Não quero abusar de vossa paciência, mas dir-vos-ei ainda algumas palavras a respeito do rythmo dos cantos de Anatolia.

Seus rythmos são sempre e em todo lugar muito pronunciados, o desenho é rude, forte e a côr admiravel.

A cadencia dos cantos é muito caprichosa e varia sempre no corrente da musica, o que faz acreditar que o camponez não gosta da sujeição á symetria e prefere uma facilidade, uma liberdade na maneira de se exprimir musicalmente. Essa liberdade o conduz muitas vezes a nos offerecer cantos que são simplesmente os recitativos, nos quaes o rythmo, o movimento variam conforme o capricho do cantor, e que, por isso, têm mais attrativos e mais sabor.

Eu esqueci de vos dizer que quasi todos os cantos de Anatolia relatam os feitos das personagens illustres, guerreiros famosos, chefes magnificos de Zéibeks, e por elles se approximam das velhas canções da Idade-Média."

## APOLLO, DE STRAVINSKY

Sobre esse bailado de Stravinsky, escreveu o crítico francês Tristan Klingor:

"Este trabalho do joven mestre russo, sempre inquieto de verdadeira belleza, é extremamente attrahente. No entretanto, ao começo era um pouco incerto. Uma vez ainda o autor parece partir sobre um desenho rhythmico obstinado. Uma forma simples lhe serve de base, e, sobre esta forma elementar, leva a melodia de grão em grão. Vae bem, quando se trata de partes accessorias ou mesmo baixa, mas, desde que a forma se põe em evidencia, fatiga depressa. Felizmente depois deste processo laborioso, o compositor, que parece ter precisão de forçar seus dons, para escrever uma phrase um pouco ampla, se dá a uma inspiração menos arithmetica.

Uma especie de gavotta no estylo antigo, pomposa como convem ao motivo, nos leva a um seguimento de bellos cantos, simples, mas livremente harmonisados. Acredito que lá se encontra o preludio do melhor Stravinsky. Desembaraçado enfim do seu gosto original pelos alegres passos de dansa, pelas côres um pouco agudas de accordes e de sons, o ventos entrar no dominio classico. Podeis crer que elle ali não perde em nada a sua originalidade. O publico terá talvez alguma difficuldade em segui-lo e entendel-o completamente. Mas com isso, Stravinsky não parece ter grande cuidado; e tal attitude agrada-me infinitamente.

O scenario é pouca coisa; a bem dizer, simples pretexto aos bellos desenvolvimentos musicaes; a dansa e a mimica não despertam nunca grande interesse; visivelmente os protagonistas hesitam sobre o que possam fazer; e têm grande trabalho em encher o tempo. Seus dansarinos russos, tão engenhosos desde que se trate de se entregar a mil movimentos imprevistos, a mil loucuras excessivas, têm grande trabalho para seguir Stravinsky, na sua procura do grande estylo.

O argumento classico não é nada do l'abracadabrant.

Mas ahi ha um detalhe engenhoso de scenario: aquelle do nascimento de Apollo, que sae duma fenda da rocha; e as decorações do pintor Bauchant, na sua simplicidade, não são sem effeito. A apothéose final é bem regulada e produz sensação. Apollo apparece com um vestido dum bello encarnado. Quanto ao vestuario de uma das musas, a Poesia, é um pouco ridiculo: com este tutu de rendas brancas muito curto, parece mais um pombinho depennado."

## A VELHICE GLORIOSA DE WLADIMIR DE PACHMANN

Wladimir de Pachmann, aos 80 annos, acaba de realizar, na Sala Gaveau, em Paris, um concerto, em que confirmou todas as qualidades excepcionaes dos seus triunfos antigos e, apesar do tempo, em nada, ou quasi nada, perdeu a virtuosidade de mestre. O exito de Chopin foi assombroso e criticos exigem que se conservem esses modelos da sua interpretação. Nesse recital, De Pachmann commentava as obras que interpretava, ajuntando anedoctas e recordações pessoasas.

# SCIENCIA

## A DENGUE

A epidemia de dengue, que acaba de assolar a Grecia, não é desconhecida no Brasil, onde já fez varias irrupções, o que nos indica a cautela que devem ter as nossas autoridades sanitarias, evitando esse morbo, que se propaga por surtos epidemicos, quando não em pandemias. A dengue, tambem chamada: polka, trancoso, zamparina, schotisch, abourikabe, striffinecked, Maria Ignacia (corruptela de Malignacia), propaga-se como se tangida por uma onda de calor, fulminando o individuo subitamente, sem, muita vez, lhe deixar mais do que a intelligencia para providenciar.

Parece que, como a febre amarella, é transmittida pelo *stegomya fasciata* e, tambem, pelo *culex fatigans*, não se sabendo qual o germe de origem. Portanto, mais uma razão para o combate sem treguas ao mosquito. Molestia de climas quentes, faz, contudo, incursões em temperados, em estações anormaes de calor, como succedeu em Santa Catharina, em 82, e, segundo Baptista Lacerda, e Paquetá, em 1890, não falando nos surtos anteriores, de 46, 48 e 86, nem nos casos modernos, observados em Nictheroy.

Molestia equalitaria, não tem a dengue preferencia por idade, sexo, ou condição social, transmittindo-se com a mesma inclemencia e maior subitaneidade do que a gripe. Em poucos instantes, cae uma familia, podendo paralisar assim todos os serviços. Um pequeno arrepio de frio, ou o bater de queixos nas grandes crispações da pelle, forte cephalalgia frontal, dôres musculares ou articulares intensas, quebramento de forças, quando não impossibilidade de marcha pela rachialgia atroz, como na variola, indicam o inicio do mal. A temperatura se eleva a 39°, 40° 40,5 e ás vezes, a 41°, produzindo inquietação do doente afogueado, mas consciente, pois o delirio é raro, em busca de allivio para as dôres. As funções gastri-

cas se perturbam e apparecem vomitos, mais tarde biliosos e depois sanguineos. O pulso se conserva calmo e não corresponde á alça da temperatura. O facies do doente toma um aspecto caracteristico, como nos amarellentos, nas primeiras horas da molestia, imitando uma mascara, dividida em duas partes: rubra e vultuosa, das narinas para cima, e, para o mento, pallido-amarellada. Olliar de ansiedade e photophobia pronunciada. Pelle seca, constipação, dôres nas fossas iliacas. Apóz dois ou tres dias, o quadro ou 36°,4, deixando o doente prostrado e inappetente. Sente-se alliviado, mas o persegue insoumiã absoluta. Subito, novo calefrio e o thermometro sobe outra vez a 39° e 40°, mas esse segundo periodo dura pouco, 12 a 24 horas apenas, declinando, então, o mal e entrando o doente em convalescença, término da erupção generalizada, que se desenvolve no ultimo periodo, processada por descação, como na escarlatina ou sarampão.

Não está tudo acabado. A fraqueza é tal, que o doente não se pôde levantar. Depois, uma fome devoradora, que deve ser regulada para restaurar as forças, evitando complicações. Muito parecida com a febre amarella, cujo syndroma parece copiar, a dengue é de um prognostico sempre favoravel, desde que o doente não se desvie dos conselhos medicos, na diethetica e precauções hygienicas, attinentes aos febricitantes. As complicações, se dahi se afastar, podem ser edemas dos membros inferiores, anemia, fraqueza muscular, polynevrites, as de menor importancia, quando o estado typhico não vem terminar pela convalescença demoradissima, ou pela morte, um mal de si benigno.

A prophylaxia consiste em exterminar o mosquito e a defesa pessoal está tambem em evitar as mudanças subitas de temperatura, expondo o organismo, pela menor resistencia, á maior receptividade.

## COMO GALL CHEGOU A' PHRENOLOGIA

F. J. Gall, fallecido ha um seculo em Paris, foi o fundador da phrenologia, affirmando que "a manifestação das faculdades ou qualidades moraes depende da organização do cerebro", doutrina que, embora della pouco reste hoje em dia, foi um caminho novo aberto á physiologia, á psychologia e á neurologia.

Segundo refere E. Chaparède, Gall teria observado, desde o collegio, que os seus condiscipulos, que sabiam melhor as lções, ou antes que melhor as decoravam, tinham sempre os olhos salientes, do que talvez fosse possivel concluir uma relação estreita entre a estructura craneana, que modela o cerebro, e as diversas aptidões e faculda-

des. Continuando mais tarde as suas se modifica. A temperatura desce a 36°,6, observações, descobriu certas tendências e pendores nessa relação. Dedicou-se então á anatomia do cerebro, de que se tornou emerito dissecador, enquanto tirava ousadas conclusões para a sua theoria, que ganhava mundo e obtinha o maior exito scientifico. E' certo que pouco ficou da phrenologia, hoje abandonada, mas foi um dos caminhos abertos ás doutrinas das localisações cerebraes. Por outro lado foi Gall que chamou a attenção para as differenças individuais, "mostrando que ellas dependem antes de tudo da estructura innata, diriamos hoje, da hereditariedade".

## PINTURA

### CHAGALL ILLUSTRADOR DE LA FONTAINE

No 4º fasciculo dos *Cahiers d'Art* reproduzem-se varias gravuras das que Chagall acaba de fazer para illustrar as fabulas de La Fontaine. Dellas disse René Schwov: "O universo das fabulas de Chagall é um universo de contos de fadas, em que os seres só vivem pelo mysterio de um "complot" de côres. Como o de La Fontaine evita todo peso graças á inserção de um mundo num outro, cujas expressões deliciosas compõem a unidade. A pintura e a poesia se juntam assim, menos pela transposição de uma realidade literaria sobre o plano da plastico, do que por uma certa ligeireza de espirito e de technica, numa technica differente."

## LIVROS

*MACUNAÍMA — o herói sem nenhum caracter — de Mario de Andrade*

*Macunaíma* é o heróe do cyclo americano. E' uma força pura da cosmogonia precolombiana, acima, ou melhor, fóra do bem e do mal. *Macunaíma* transcende o espaço e o tempo. Suas dimensões excedem a realidade. Por isso, elle constitue um espectáculo permanente, que se alimenta da substância universal, e que se desloca em planos espaciaes e temporaes, sem correspondencia nas séries mathematicas em que se move o homem.

*Macunaíma* é uma aggregação de elementos, uma conjugação de energias que o fazem, apesar do seu involucro anthropomorphico, um indice da especie, uma concentração de todos os valores da especie humana, no seu estado essencial. E' um mytho de vontade e imaginação, onde se encontram, no seu dinamismo potencial, to-

das as volições peculiares a cada um dos seres que se integram nos limites da collectividade. *Macunaíma* não tem limites, a não ser aquelles que elle proprio se impõe, quando tangencia o mundo phenomenal.

Tomando-o como ponto de referencia, conseguiu Mario de Andrade tirar uma força organica desse caos de elementos formadores de *Macunaíma*. Mario de Andrade projectou o Brasil nessa figura, pelo menos um dos Brasil que ajudam a situar as differentes imagens do nosso complexo nacional.

O aviso de Mario de Andrade parece ironico. *Macunaíma* não poderia ter nenhum caracter, pois, sendo illimitado, não está sujeito ás contingencias. E é, justamente, essa ausencia de caracter que lhe dá um grande caracter sobre-humano, em que se reflectem, no tumulto da sua apparente indisciplina, as energias elementares. *Macunaíma* ri da verdade e do erro. Salta sobre todas as medidas. Pelo menos o *Macunaíma* de Mario de Andrade que, longe de ser o "peor dos homens", não é bom nem mau, porque a sua regra escapa completamente aos numeros.

*Macunaíma* tem o sabor das obras de invenção. E', sem duvida, pela deflagração da alegria que transmite, pelo dinamismo violento que nos comunica, o melhor dos poemas de Mario de Andrade.

### "RETRATO DO BRASIL", DE PAULO PRADO

Apparecerá ainda este mez o livro de Paulo Prado, *Retrato do Brasil*, de cujo *post-scriptum* publicamos um trecho neste numero. Por elle, terá visto o leitor as intenções geraes do trabalho, que é um ensaio sobre a tristeza brasileira, attribuida a duas grandes influencias, actuando poderosamente no povoamento e na evolução da colonia: sensualidade e ambição do ouro. Mais tarde, outros factores vieram preponderar, decorrentes dos desvarios do mal romantico. Por essa these se fixa o "caso brasileiro", nas suas varias modalidades, no tempo e no espaço, através de um livro solidamente construido e pensado com segurança, que permitem ao autor os seus conhecimentos de historia e a sua acuidade critica. Porque Paulo Prado é daquelles que procuram no ensinamento do passado descobrir a orientação que deve dirigir o futuro, as leis sociologicas que o determinarão. Já em *Paulistica* caracterizou essa tendencia, mais definida agora neste livro, feito com grande audacia, não evitando o Autor desenvolver o seu pensamento e chegar ás conclusões, por mais dolorosas e extremas que sejam as exigencias do raciocinio. Paulo Prado é o historiador moderno, como moderno é o seu espirito e a sua expressão artistica. Foi elle um dos grandes elementos da Se-

mana de Arte Moderna, que se realizou gloriosamente, em São Paulo, em 1922, e tem sido sempre um magnifico companheiro nesta campanha de rejuvenescimento do Brasil, para a sua salvação.

Agora, consagra Paulo Prado a mais carinhosa assistencia á "Sociedade Capistrano de Abreu", que preside, para fazel-a um centro activo de intellectualidade, em que os estudos de historia não serão inocuas pesquisas de documentos, nem dilettantismo de escritores falhados, mas contribuições uteis á vida brasileira, a exemplo do *Retrato do Brasil*, cujo apparecimento é ansiosamente esperado e do qual MOVIMENTO apresenta, em primeira mão, uma das suas paginas suggestivas.

### "JÉSUS CHRIST" DE LÉONCE DE GRANDMAISON

Com o titulo *Jésus Christ, sa Personne, son Message, ses Preuves*, acaba de ser publicada, em dois volumes alentados, a obra do Padre Léonce de Grandmaison, um dos maiores escritores catholicos da França fallecido ha cerca de um anno. Publicou, ha 15 annos, o *Dictionnaire apologétique de la Foi catholique*. Na sua nova obra, agora apparecida, divide os volumes em livros, contendo o 1º, tres, consagrados respectivamente á descripção, do meio evangelico e á apresentação da mensagem de Christo. São estudos largos e de vasta erudição, sendo o primeiro delles considerado como uma "verdadeira introducção á literatura evangelica." O 2º tomo é tambem dividido em 3 livros, que tratam successivamente da figura de Christo, das suas obras e do estabelecimento da religião e alguns dos seus testemunhos através da Historia. O 2º tomo é considerado como a parte, em que o Autor fixa o grande debate, do seculo XIX, sobre o problema de Jesus, nos seus multiplos aspectos, historico, philosophico e mais do que tudo humano. Esse trabalho, cujo apparecimento anunciamos, é considerado como uma das obras fundamentaes da literatura catholica, nos ultimos tempos.

### TEXTOS DE DIREITO INTERNACIONAL

A casa Dalloz de Paris, acaba de publicar o *Recueil de Textes de Droit International Public*, organizado pelos srs. Louis Le Fur e Georges Chklaver, em duas partes. A primeira reproduz alguns dos textos mais conhecidos, na historia do direito das gentes, no passado: Confucius, a Tregua e a Paz de Deus, Santo Thomaz de Aquino, Vitoria, Suarez, Grotius, Vatel, Rousseau, Kant, as Capitulações romanas, a Santa Alliança e varios projectos de Declaração de Direitos e Deveres dos Estados.

A segunda parte, bem mais interessante, transcreve os textos em vigor ou a elles referentes, por exemplo: o regulamento do Congresso de Vienna, sobre as representações e missões diplomáticas; a Mensagem de Monroe, criando a doutrina desse nome; a lei italiana, chamada, das Garantias, referente á questão com o Vaticano; as Convenções da Haya; a Mensagem de Paz do Papa Bento XV; os quatorze principios de Wilson; os Tratados de Paz de 1919 e 1920; os Estatutos dos mandatos na Syria (francez) e na Palestina (inglez); o Protocollo de Genebra e os famosos accordos de Locarno; a Concordata da Polonia; o "compte-rendu" da ultima conferencia Imperial Britannica; o duplo accordo entre a França e o Vaticano, sobre as honras liturgicas no Oriente Proximo, etc.

Trata-se, pois, de um excellento repertorio de Direito Internacional, reunindo, como se vê, os maiores documentos humanos relativos á vida internacional.

#### "ROMANTISMO POLITICO"

Foi traduzido, por Pierre Linn, este livro do prof. Karl Schmitt, da Universidade de Bonn, que é um longo ensaio sobre a concepção do romantismo, cuja definição é tão embaraçosa, através dos modos de entender. Schmitt prefere, na dificuldade, tomar o partido de Novalis, segundo o qual romantico é aquelle que faz romance de todo e qualquer motivo, sendo este apenas uma **ocasião**. Assim, romantismo é **ocasionalismo subjectivo**. Estuda a estrutura do romantismo e as doutrinas de Estado, desde 1796, concluindo que o romantismo não é uma doutrina politica e que acaba onde principia a actividade politica real.

#### CAPITULOS DE "HISTORIA COLONIAL DO BRASIL", DE J. CAPISTRANO DE ABREU

Com a reedição deste livro, inicia a "Sociedade Capistrano de Abreu", fundada a 11 de Setembro do anno passado, a sua actividade, devendo publica, em seguida, não só varios outros livros do grande historiador, seu patrono, como trabalhos e monographias, que lhe sejam apresentadas e por ella premiadas. Este livro de Capistrano de Abreu já havia sido publicado na obra do "Centro Industrial do Brasil": **O Brasil, suas riquezas naturaes, suas industrias**, apparecido em 1907, tendo delle feito uma separata o autor. Agora, nessa reedição, vem acompanhado de notas do proprio Capistrano, do illustre geologo norte-americano John Casper Branner, e do naturalista Philipp von Luetzelburg. A obra está dividida nos seguintes capitulos: **Antecedentes indígenas — Factores exóticos — Os descobridores — Primeiros con-**

#### O SAVOIA MARCHETTI 64

O governo italiano, num gesto de cavalheirismo commovedor, offereceu ao Brasil o Savoia Marchetti 64, em que Ferrarin e o mallogrado Del Prete, ha-tendo o record de permanencia e distancia em circuito fechado, uniram os dois paizes num só vôo. Este aparelho, depois de ter sido um padrão de gloria da aviação italiana, tornou-se por igual um symbolo da fraternidade latina, pelo nobre gesto do governo de Roma, inspirado em suggestão de Del Prete.

O Savoia Marchetti 64 é um aparelho de grande originalidade, planejado pelo engenheiro italiano Marchetti e construido nas officinas Savoia. E' um monoplano de 20m50 de envergadura e 10m50 de comprimento. A aza é de madeira com revestimento metalico. A cabine está fixada na sua frente, fusclada, e se ajusta na parte inferior do plano. O motor é Fiat Ar. 20, com 12 cylindros em V, resfriado a agua. Pesa 410 ks. e desenvolve 550 c. a 1900 rotações por minuto. O motor está collocado no fuso fixo muito alto abaixo do plano. Na ponta desse fuso está o reservatorio de oleo, com capacidade de 270 litros. A essencia está em 27 reservatorios, collocados no interior da aza a 3/4 da envergadura, reservatorio com o volume total de 7000 litros, o que dá ao avião um raio de acção theorico de 11.000 kms. em 70 horas. O conjunto do aparelho apresenta assim um rendimento aerodynamicamente notavel, a custa, é certo, de alguns inconvenientes, mas de pouca monta, tratando-se de avião de record, que representa um admiravel progresso na aviação italiana.

**flictos — Capitánias hereditarias — Capitánias da Corôa — Francezes e Espanhoes — Guerras flamengas — O sertão — Formação dos limites — Tres seculos depois** e, como se vê abrange desde 1500 a 1800, com reflexos sobre a nossa independencia. Pouco se pôde dizer, numa simples notícia, do valor desse livro de um dos maiores mestres da nossa historia, cuja erudição sem par se completava num sentido agudo da realidade brasileira, que esclarece os factos historicos e indica as suas exactas determinantes, bem como a projecção futura que tiverão ou continuam a ter. Mas não é o merito da obra, que cabe aqui salientar, senão pôr em relevo o magnifico esforço da "Sociedade Capistrano de Abreu", no seu nobre empenho de incentivar o estudo da historia do Brasil. E para isso, andou bem inscrevendo, como primeiro ponto do seu programma, a publicação systematica dos trabalhos exparsos, ineditos e pouco divulgados, do seu grande patrono.

Um optimo retrato de Capistrano de Abreu ornamenta o livro, de excellentes factura material.

## PUBLICIDADE

### PUBLI-CINE'

E' esse um processo novo de annuncio, que se vae firmar, quando o nosso commercio, saindo de uma persistente rotina, começa a ver no reclame um meio fundamental do seu desenvolvimto. Consiste o systema de *Publi-Ciné* em fazer a publicidade por meio de projecções rapidas, de um a dois minutos, apresentando desenhos animados ou scenas filmadas, attraentes e divertidas, e que constituem, por assim dizer, um supplemento do programma duma sessão cinematographica. Trata-se de um systema largamente usado nos Estados-Unidos e na Europa e que por certo logrará aqui igual exito.

A sua introdução nesta capital está sendo feita pelo escriptorio tecnico de publicidade do Snr. L. Annibal Falcão.

## NOTAS LITERARIAS

— O escriptor argentino, F. A. Palomar, contractou com os Srs. F. Bríguiet & C<sup>o</sup> a traducção espanhola desse trabalho de Ronald de Carvalho, cuja 4<sup>a</sup> edição se annuncia para o começo do anno vindouro, exgotados que estão as tres primeiras, com dez mil exemplares. A **Pequena Historia** está sendo igualmente traduzida para o inglez, por Bob White Linker, da Universidade de Georgia, auxiliado, para os textos em verso, pelo notavel poeta moderno Spencer Murphy.

— Numa admiravel edição com gravuras de Gabriel García Mároto, acaba de apparecer **Crucero**, poemas do Sr. Genaro Estrada, que é o ministro das relações exteriores do Mexico. Poeta de intenções modernistas, ao meio de um lirismo romantico, não se deixou tentar pelas fórmulas novas da poesia, que talvez libertassem a sua expressão. Os desenhos são admiraveis, estes sim, de uma grande modernidade.

— Acaba de apparecer o tomo XX, da **Obras Completas** de Lenine, em francez, e o primeiro a ser publicado. Esse volume comprehende os primordios da revolução (março-junho de 1917), isto é, o periodo que vac de Kerensky á exclusão do partido bolchevista. Tendo sido Lenine, não só o tecnico, como o doutrinario da revolução, actualizando o marxismo, o interesse da sua obra ultrapassa o circulo dos partidarios das suas idéas, para chegar a todos os estudiosos dos problemas sociaes, em cujo desenvolvimto o phenomeno russo é tão ponderavel.

— Jean Giraudoux, que acaba de triunfar no theatre com a peça **Siegfried**, referindo-se ao movimento moderno em França, numa entrevista concedida a um jornal yugoslavo, transcripta nas **Nouvelles Littéraires**, diz que os escritores que mais o representam são: Paul Claudel, André Gide, Paul Valéry, Charles. Louis Philippe, Valery Labaud, Max Orlan, E. Bove e Cassou. E' singular nenhuma referencia de Giraudoux ao seu companheiro Paul Morand.

— Será publicada, em breve, na Italia, pela casa editora Alpes, uma collecção das obras de José Maria Rilke, precedida de um volume critico de Vincenzo Errante: **Rilke — Storia de un'aima e di una poesia**.

— A revista modernista norte americana **The Exile**, que, sob a direcção do poeta Ezra Pound, se publicava em Roma, passou a apparecer em Nova York.

— Falando na inauguração do Congresso Nacional do Sindicato Fascista

dos Artistas, o Sr. Rossoni disse que o fascismo era a maior revolução da historia, porque, a par dos problemas sociaes e politicos, collocava o de uma arte nova, no interesse da civilização do mundo. "Uma revolução, concluiu, sem o valor do espirito e sem a victoria artistica, estãria irremediavelmente mutilada, faltar-lhe-ia alguma coisa de essencial"

— **La grande légende de la mer** será o titulo de uma nova collecção que editará a "Renaissance du livre", sob a direcção de J. Germain, annunciando-se, entre outras, obras de Thierry Sandre, Auguste Bailly, Henri Malo, Pierre Dominique, Fr. Funck-Bretano, Georges Leconte e Chales le Goffic.

— A "Nouvelle Revue Française" vae emprender, no proximo mez de janeiro a publicação das obras completas de Marcel Proust, devendo estar terminada dentro de tres annos.

— Sairá, em breve, o numero especial de **Martin Fierro**, o magnifico jornal

modernista de Buenos Aires, consagrado a Ricardo Guiraldes, fallecido o anno passado em Paris.

— Foi apresentada ao Rei da Inglaterra o **Oxford English Dictionary**, cujo custo foi de 500.000 libras esterlinas. O dicionario conta 414.825 vocabulos, com 500.000 definições, 1.827.306 citações e 50.000.000 de palavras, em 15.438 paginas. Curioso é que o dicionario está inactual, pois nelle não figuram palavras como **automovel**, **aviação**, **cinematographo** e outras identicas, pelo simples facto de que o primeiro volume appareceu em 1884.

#### CURSO DE CONFERENCIAS NA EMBAIXADA AMERICANA

O snr. Edwin Morgan, Embaixador Americano, organizou um curso de conferencias, que se realizarão, na Embaixada Americana, nos dias 13, 20 e 27 do corrente e 3 de Novembro, obedecendo ao seguinte programma: I — *A poesia americana*, pelo sr. Ronald de Carvalho; II — *A musica americana*, pelo sr. Renato Almeida; III — *A mulher na civilização da America*, por D. Maria Eugenia Celso.

## OS LIVROS DO MOMENTO:

COLLECTANEA LITERARIA	RUY BARBOSA	
Organizada, annotada e prefaciada por Baptista Pereira . . . . .		10\$000
VIRIATO CORRÊA		
HISTORIAS ASPERAS		
Do mesmo genero das "Novellas Doidas" entre as mais palpitantes destacam-se: O circo de cavallinhos; O pae das inglezas; Sinházinha Lelé; O crime do Pedro; A ficha n. 20.003		5\$000
GUSTAVO BARROSO (João do Norte)		
A GUERRA DO LOPEZ		
Contos e episodios da guerra do Paraguay, dentre os quaes se destacam: O desertor; A linha de Caxias; Bahiano dorminhoco; O corneta da morte; A resposta de Curupaity; A bandeira do vinte e seis; Sinha Mariquinha, etc. . . . .		5\$000
OLEGARIO MARIANO		
POEMAS DE AMOR E DE SAUDADE . . . . .		3\$000
GASTÃO CRULS		
A CRIAÇÃO E O CRIADOR		
Romance . . . . .		6\$000
	BIBLIOTHECA DAS MOÇAS	
GERMAINE ACREMANT		
CASAR E' BOM . . . . .		4\$000
GUY WYRTA		
NINA ROSA . . . . .		4\$000

Edições da **COMPANHIA EDITORA NACIONAL**

TELEPHONE, 4-4339 — RUA GUSMÕES, 26 — S PAULO

**Livraria Francisco Alves**

**PAULO DE AZEVEDO & C.**

LIVREIROS EDITORES E IMPORTADORES

166 -- RUA DO OUVIDOR -- 166

RIO DE JANEIRO

Endereço Telegraphico ALVESIA ☞ Caixa Postal n. 658

Rua Libero Badaró n. 129 :-: Rua da Bahia n. 1055

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

**NECATORINA MERCK**

capsulas gelatinosas de  
**TETRACHLORETO DE CARBONO PURISSIMO**  
fabricadas por E. MERCK (DARMSTADT, Allem.) para a  
**CURA ESPECIFICA DA ANCYLOSTOMOSE**

Tendo obtido um "tetrachloreto de carbono purissimo", a casa Merck, - por suggestões de interessados na campanha de Saneamento do Brasil - resolveu acondicionar este valioso helminthocida como especialidade pharmaceutica a que foi dado o nome de "Necatorina". A "Necatorina" já se encontra amplamente distribuida por todas as pharmacias do paiz. Deste modo, está ao alcance facil do doente o especifico da opilação e os Srs. medicos, prescrevendo a "Necatorina Merck", terão a segurança de adoptar, para os casos adequados, um tetrachloreto de carbono absolutamente garantido quanto ás suas condições de pureza.

— Depositarios exclusivos no Brasil: DAUDT, OLIVEIRA & C. — Rio de Janeiro —

